

De acordo com **Metas Curriculares**
e **Novo Programa de Português**



Contos & Recontos 8

Guia do **Professor**

CARLA MARQUES
INÊS SILVA

PORTUGUÊS | 8.º ANO

- Metas Curriculares de Português 8.º ano
- Planificação anual*
- Testes de avaliação*
- Transcrição dos recursos áudio
- Grelhas de observação e de avaliação*
- Soluções do Caderno de Atividades

* MATERIAIS DISPONÍVEIS,
EM FORMATO EDITÁVEL, EM:

20 AULA DIGITAL

ASA

ÍNDICE

Apresentação do Projeto <i>Contos & Recontos 8</i>	3
1. Metas Curriculares de Português (8º ano)	7
2. Planificação anual	17
3. Testes de avaliação	37
• Teste nº 1	38
• Teste nº 2	44
• Teste nº 3	49
• Teste nº 4	55
• Teste nº 5	60
• Teste nº 6	65
• Propostas de resolução	70
4. Transcrição dos documentos áudio	75
5. Grelhas de observação	83
• Avaliação da expressão oral	
– Avaliação global	84
– Informar	85
– Explicar	86
– Argumentar e justificar pontos de vista	87
– Leitura expressiva	88
• Avaliação da expressão escrita	89
• Revisão textual – Autoavaliação	90
• Registo síntese dos elementos da avaliação – Final de período	91
6. Soluções do Caderno de Atividades	93

APRESENTAÇÃO

Este Guia do Professor é um complemento fundamental do projeto *Contos & Recontos 8*. Foi concebido com o propósito de apoiar o trabalho do professor, facultando-lhe um vasto conjunto de materiais auxiliares da sua ação pedagógico-didática de acordo com as *Metas Curriculares de Português*.

Assim, para além de um conjunto de **seis testes de avaliação**, com as respetivas soluções, integra ainda:

- excerto do documento *Metas Curriculares de Português* referente ao 8º ano de escolaridade;
- planificação anual;
- transcrição dos documentos áudio;
- grelhas de observação para avaliação dos vários domínios;
- soluções do Caderno de Atividades.

Com este instrumento de trabalho, pretende-se criar, acima de tudo, um auxiliar adicional para o professor, na sua adaptação às *Metas Curriculares de Português* e aos seus desafios e exigências, para os quais o projeto *Contos & Recontos* procura ser uma resposta.

As Autoras

O projeto *Contos & Recontos 8* contempla os seguintes componentes:

Para o Aluno

- Manual
- Caderno de Atividades

Para o Professor

- Manual (edição do Professor)
- CD Áudio
- **20 AULA DIGITAL**
- Guia do Professor
- Planos de Aula

Manual

O Manual apresenta uma organização clara e facilitadora da aprendizagem, encontrando-se organizado em sete sequências, todas com uma estrutura semelhante (à exceção da Sequência 0, que se destina à realização de um diagnóstico dos conhecimentos dos alunos).

Cada sequência está assente num desenvolvimento equilibrado dos domínios – Leitura, Educação Literária, Oralidade, Escrita, Gramática –, estando claramente identificados em cada atividade.

Ao longo das várias sequências, são apresentadas sínteses de conteúdos essenciais do domínio da Gramática na rubrica **Fichas Informativas**. No final das sequências, são disponibilizadas atividades de verificação de conhecimentos/capacidades para consolidação das aprendizagens, na rubrica **Autoavaliação**.

No final do Manual está presente, no **Bloco Informativo**, uma sistematização de noções sobre o texto literário, tipologia textual, géneros textuais, resumo e síntese (técnicas de contração textual), e recursos expressivos.

Caderno de Atividades

Obra que disponibiliza fichas de trabalho de Gramática, com exercícios de revisão, sistematização e aplicação, contribuindo assim para uma aprendizagem sustentada e refletida dos vários conteúdos gramaticais.

Manual (edição do Professor)

A edição do Manual exclusiva do Professor (em banda lateral) auxilia o docente com um vasto conjunto de propostas de atividades que abarcam todos os domínios, bem como sugestões de resposta de todas as atividades propostas.

Guia do Professor

Componente que facilita a aplicação dos conteúdos e das orientações das *Metas Curriculares de Português*, em articulação com o Programa da disciplina. Inclui:

- Metas Curriculares de Português referentes ao 8º ano;
- planificação anual;
- testes de avaliação;
- transcrição dos documentos áudio;
- grelhas de observação/avaliação;
- soluções do Caderno de Atividades.

Grande parte dos recursos do Guia do Professor encontram-se em formato digital em

Planos de Aula

Planos para todas as aulas do ano letivo, devidamente articulados com a totalidade dos suportes multimédia do projeto, com a indicação dos descritores de desempenho e metas de aprendizagem, que permitem uma operacionalização eficaz de todos os conteúdos programáticos. Estes planos encontram-se disponíveis em formato editável em **20 AULA DIGITAL**.

CD Áudio

Apresenta a vocalização dos textos e registos áudio de suporte às atividades do Manual, contribuindo para um trabalho contínuo de reforço da comunicação oral.

20 AULA DIGITAL

O **20 AULA DIGITAL** possibilita a fácil exploração do projeto *Contos & Recontos 8*, através das novas tecnologias em sala de aula. Trata-se de uma ferramenta inovadora que possibilita ao professor tirar o melhor partido do seu projeto escolar, simplificando igualmente o seu trabalho diário. Esta ferramenta permite:

- **a projeção e exploração das páginas do Manual em sala de aula;**
- o acesso a um **vasto conjunto de conteúdos multimédia integrados com o Manual:**
 - **animações** – abordam de forma interativa diversos conteúdos, possibilitando uma avaliação do aluno através de atividades de consolidação;
 - **apresentações em PowerPoint** – apresentações, de forma sintetizada, de pontos importantes das matérias abordadas;
 - **áudios/vídeos** – diversos recursos que, ao longo do Manual, permitem tornar o processo de ensino/aprendizagem mais interativo;
 - **gramáticas interativas** – apresentam vários tópicos gramaticais abordados ao longo do Manual acompanhados de avaliação da informação apresentada;
 - **jogos** – atividades lúdicas que permitem a revisão da matéria do Manual de forma mais apelativa, mantendo a par as componentes lúdica e didática;
 - **links Internet** – endereços para páginas na Internet de apoio às matérias, para a obtenção de mais informação;
 - **testes interativos** – extenso banco de testes interativos, personalizáveis e organizados pelos diversos temas do Manual;
- **a disponibilização dos Planos de Aula, em formato Word**, para que o professor os possa adaptar de acordo com as características de cada turma:
 - utilizando as sequências de recursos digitais propostas em cada plano, com recurso a um projetor ou a um quadro interativo;
 - personalizando os Planos de Aula com outros recursos;
- **a disponibilização de recursos do Guia do Professor, em formato Word** (planificação anual, testes de avaliação, grelhas de observação/avaliação), para o professor poder personalizá-los de acordo com os seus interesses, diretrizes da escola ou características dos seus alunos;
- **a avaliação dos alunos:**
 - utilização de testes predefinidos ou criação de novos;
 - impressão de testes para distribuição.



METAS CURRICULARES DE PORTUGUÊS (8º ANO)

Metas Curriculares de Português – 8.º ano

Domínios de Referência, Objetivos e Descritores de Desempenho

Os objetivos e descritores indicados em cada ano de escolaridade são obrigatórios. Sempre que necessário, devem continuar a ser mobilizados em anos subsequentes.

Oralidade O8

1. Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.

1. Identificar o tema e explicitar o assunto.
2. Identificar os tópicos.
3. Distinguir informação objetiva e informação subjetiva.
4. Distinguir diferentes intencionalidades comunicativas em diversas sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar e persuadir).
5. Manifestar ideias e pontos de vista pertinentes relativamente aos discursos ouvidos.

2. Registrar, tratar e reter a informação.

1. Identificar ideias-chave.
2. Tomar notas, organizando-as.
3. Reproduzir o material ouvido, recorrendo à síntese.

3. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.

1. Retomar, precisar ou resumir ideias, para facilitar a interação.
2. Solicitar informação complementar.
3. Estabelecer relações com outros conhecimentos.
4. Debater e justificar ideias e opiniões.

4. Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.

1. Planificar o texto oral a apresentar, elaborando tópicos a seguir na apresentação.
2. Utilizar informação pertinente, mobilizando conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes, com a supervisão do professor, citando-as.
3. Usar a palavra com fluência e correção, utilizando recursos verbais e não verbais com um grau de complexidade adequado ao tema e às situações de comunicação.
4. Diversificar o vocabulário e as estruturas utilizadas no discurso.
5. Utilizar pontualmente ferramentas tecnológicas como suporte adequado de intervenções orais.

5. Produzir textos orais (5 minutos) de diferentes tipos e com diferentes finalidades.

1. Informar, explicar.
2. Fazer a apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista.
3. Apresentar e defender ideias, comportamentos, valores, argumentando e justificando pontos de vista.

6. Reconhecer a variação da língua.

1. Identificar, em textos orais, a variação nos planos fonológico, lexical e sintático.
2. Distinguir contextos geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.

Leitura L8**7. Ler em voz alta.**

1. Ler expressivamente em voz alta textos variados, após preparação da leitura.

8. Ler textos diversos.

1. Ler textos narrativos, textos biográficos, páginas de diários e de memórias, textos expositivos, textos de opinião, críticas, comentários, descrições, cartas de apresentação, currículos, reportagens, entrevistas, roteiros.

9. Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade.

1. Identificar temas e ideias principais, justificando.
2. Identificar pontos de vista e universos de referência, justificando.
3. Identificar causas e efeitos.
4. Fazer deduções e inferências, justificando.
5. Reconhecer elementos de persuasão.
6. Reconhecer a forma como o texto está estruturado (diferentes partes e subpartes).
7. Identificar relações intratextuais: semelhança, oposição, parte-todo, causa-consequência e genérico-específico.
8. Explicitar o sentido global do texto.

10. Utilizar procedimentos adequados à organização e tratamento da informação.

1. Tomar notas, organizando-as.
2. Identificar ideias-chave.

11. Ler para apreciar textos variados.

1. Expressar, de forma fundamentada e sustentada, pontos de vista e apreciações críticas suscitados pelos textos lidos em diferentes suportes.
2. Reconhecer o papel de diferentes suportes (papel, digital, visual) e espaços de circulação (jornal, Internet...) na estruturação e receção dos textos.

12. Reconhecer a variação da língua.

1. Identificar, em textos escritos, a variação nos planos lexical e sintático.
2. Distinguir contextos históricos e geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.

Escrita E8**13. Planificar a escrita de textos.**

1. Fazer planos: estabelecer objetivos para o que se pretende escrever, registar ideias e organizá-las; organizar a informação segundo a tipologia do texto.

14. Redigir textos com coerência e correção linguística.

1. Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.
2. Dar ao texto a estrutura e o formato adequados, respeitando convenções tipológicas e (orto)gráficas estabelecidas.
3. Adequar os textos a diferentes públicos e finalidades comunicativas.
4. Diversificar o vocabulário e as estruturas sintáticas.
5. Utilizar adequadamente os seguintes sinais de pontuação: os dois pontos (em introdução de citações e de uma síntese ou consequência do anteriormente enunciado) e o ponto e vírgula.
6. Respeitar os princípios do trabalho intelectual: normas para citação.
7. Utilizar com critério as potencialidades das tecnologias da informação e comunicação na produção, na revisão e na edição de texto.

15. Escrever para expressar conhecimentos.

1. Responder por escrito, de forma completa, a questões sobre um texto.
2. Responder com eficácia e correção a instruções de trabalho, detetando rigorosamente o foco da pergunta.
3. Elaborar planos, resumos e sínteses de textos informativos e expositivos.

16. Escrever textos expositivos.

1. Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor, respeitando:
 - a) o predomínio da função informativa;
 - b) a estrutura interna: introdução ao tema; desenvolvimento expositivo, sequencialmente encadeado e corroborado por evidências; conclusão;
 - c) o uso predominante da frase declarativa.

17. Escrever textos argumentativos.

1. Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente.
2. Escrever textos de argumentação contrária a outros propostos pelo professor.

18. Escrever textos diversos.

1. Escrever textos biográficos.
2. Escrever páginas de um diário e de memórias.
3. Escrever cartas de apresentação.
4. Fazer roteiros.
5. Fazer relatórios.
6. Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos.

19. Rever os textos escritos.

1. Avaliar a correção e a adequação do texto e proceder a todas as reformulações necessárias.

Educação Literária EL8**20. *Ler e interpretar textos literários.* (v. lista pp. 13-15)**

1. Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos.
2. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
3. Explicitar o sentido global do texto.
4. Sistematizar elementos constitutivos do texto dramático (ato, cena, fala e indicação cénica).
5. Distinguir diálogos, monólogos e apartes.
6. Analisar o ponto de vista de diferentes personagens.
7. Detetar a forma como o texto está estruturado (diferentes partes e subpartes).
8. Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados e, ainda, os seguintes: antítese, perífrase, eufemismo, ironia.
9. Distinguir a novidade de um texto em relação a outro(s).
10. Estabelecer relações de intertextualidade.

21. *Apreciar textos literários.* (v. lista pp. 13-15 e listagem PNL)

1. Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos.
2. Reconhecer valores culturais e éticos presentes nos textos.
3. Expressar opiniões e problematizar sentidos, oralmente e por escrito, como reação pessoal à audição ou à leitura de um texto ou de uma obra.
4. Escrever um pequeno comentário crítico (cerca de 120 palavras) a um texto lido.

22. *Ler e escrever para fruição estética.* (v. listagem PNL)

1. Ler por iniciativa e gosto pessoal, aumentando progressivamente a extensão e a complexidade dos textos selecionados.
2. Fazer leitura em voz alta (individualmente ou em grupo), recitação e dramatização de textos lidos.
3. Analisar recriações de obras literárias com recurso a diferentes linguagens (por exemplo: música, teatro cinema, adaptações a séries de TV).
4. Escrever, por iniciativa e gosto pessoal, textos diversos.
5. Desenvolver projetos e circuitos de comunicação escrita.

Gramática G8**23. Conhecer classes de palavras.**

1. Integrar as palavras nas classes a que pertencem:
 - a) advérbio: de dúvida, de designação e relativo;
 - b) conjunção subordinativa: condicional, final, comparativa, consecutiva, concessiva e completiva;
 - c) locução conjuncional.

24. Explicitar aspectos fundamentais da sintaxe do português.

1. Aplicar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal: em orações subordinadas; na conjugação do futuro e do condicional.
2. Identificar as funções sintáticas de modificador do nome restritivo e apositivo.
3. Identificar processos de subordinação entre orações:
 - a) subordinadas adverbiais condicionais, finais, comparativas, consecutivas e concessivas;
 - b) subordinadas substantivas completivas (função de complemento direto).
4. Estabelecer relações de subordinação entre orações, identificando os elementos de que dependem as orações subordinadas.
5. Dividir e classificar orações.

25. Reconhecer propriedades das palavras e formas de organização do léxico.

1. Identificar neologismos.
2. Identificar palavras polissémicas e seus significados.
3. Distinguir palavras polissémicas de monossémicas.
4. Determinar os significados que dada palavra pode ter em função do seu contexto de ocorrência: campo semântico.
5. Reconhecer e estabelecer as seguintes relações semânticas: sinonímia, antonímia, hiperonímia e holonímia.

Lista de Obras e Textos para Educação Literária – 8º Ano

Obs.: Confrontar referenciais constantes do Programa.

ESCOLHER UM MÍNIMO DE:

3 NARRATIVAS DE AUTORES PORTUGUESES

Alexandre Herculano	“A abóbada” in <i>Lendas e Narrativas</i>
José Gomes Ferreira	“Parece impossível mas sou uma nuvem” in <i>O Mundo dos outros</i>
Miguel Torga	“Vicente” in <i>Bichos</i> ou “Natal” in <i>Novos Contos da Montanha</i>
Jorge de Sena	“Homenagem ao Papagaio Verde” in <i>Os Grão-capitães</i>
Mário Dionísio	“Assobiando à vontade” in <i>O Dia Cinzento e Outros Contos</i>
Sophia de M. B. Andresen	“Saga” in <i>Histórias da Terra e do Mar</i>
Mário de Carvalho	“A inaudita guerra da Av. Gago Coutinho” in <i>A Inaudita Guerra da Av. Gago Coutinho e outras Histórias</i>

2 TEXTOS DRAMÁTICOS DE AUTORES PORTUGUESES

António Gedeão	<i>História Breve da Lua</i>
Manuel António Pina	<i>Aquilo que os Olhos Vêem ou o Adamastor</i>
Luísa Costa Gomes	<i>Vanessa Vai à Luta</i>
Hélia Correia (adapt.)	<i>A Ilha Encantada</i> (A <i>Tempestade</i> , de W. Shakespeare)

1 TEXTO DE AUTOR DE PAÍS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Mia Couto	<i>Mar me Quer</i>
Mia Couto	<i>Contos do Nascer da Terra</i>
Jorge Amado	<i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor</i>

1 TEXTO DE AUTOR ESTRANGEIRO

J. R. R. Tolkien	<i>O Hobbit</i>
Anne Frank	<i>O Diário de Anne Frank</i>
Roald Dahl	<i>Contos do Imprevisto</i>

2 TEXTOS DE LITERATURA JUVENIL

<i>A Eneida de Virgílio Contada às Crianças e ao Povo</i> (adapt. João de Barros)	
Ilse Losa	<i>O Mundo em que Vivi</i>
Álvaro Magalhães	<i>O Último Grimm</i>
Vasco Graça Moura	<i>Os Lusíadas para Gente Nova</i>

ESCOLHER 8 POEMAS

1 de Sá de Miranda	Cantiga “Comigo me desavim”; “O Sol é grande, caem co’a calma as aves” in <i>Obras Completas</i>
5 de Luís de Camões	Redondilhas: “Endechas a Bárbara escrava”, “Des-calça vai para a fonte”; Esparsa: “Os bons vi sempre passar”; Sonetos: “Alma minha, gentil, que te par-tiste”, “Amor é fogo que arde sem se ver”, “Aque-la triste e leda madrugada”, “Busque amor novas artes, novo engenho”, “Erros meus, má fortuna, amor ardente”, “O céu, a terra, o vento sossegado”, “Quando de minhas mágoas a comprida imagina-ção” in <i>Lírica</i>
2 de Almeida Garrett	“As minhas asas” in <i>Flores sem Fruto</i> ; “Barca Bela”, “Seus olhos” in <i>Folhas Caídas</i>

ESCOLHER 8 POEMAS DE 8 AUTORES DIFERENTES

Cantiga	“Estava eu na ermida de São Simeão”, “Ergue-te amigo, que dormes nas manhãs frias”, “Pelo souto de Crescente”, “Os provençais que bem sabem tro-var” in <i>Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses</i> (versão de Natália Correia)
João Roiz de Castel-Branco	“Senhora partem tão tristes” in <i>Cancioneiro Geral</i>
Nicolau Tolentino	“Chaves na mão, melena desgrenhada”, “De bolo-rentos livros rodeado” in <i>Obras Poéticas</i>
Bocage	“Magro, de olhos azuis, carão moreno”, “O céu de opacas sombras abafado” in <i>Rimas</i>

João de Deus	“Boas noites” in <i>Campo de Flores</i>
Antero de Quental	“As fadas” in <i>Tesouro Poético da Infância</i> ; “O palácio da ventura”, “Na mão de Deus” in <i>Sonetos</i>
Guerra Junqueiro	“A Moleirinha”, “ Regresso ao lar ” in <i>Os Simples</i>
Cesário Verde	“De tarde”, “A débil” in <i>Cânticos do Realismo e outros Poemas/O Livro de Cesário Verde</i>
António Nobre	“Fala ao coração”, “Menino e moço”, “Na praia lá da Boa Nova, um dia”, “ Aqui, sobre estas águas cor de azeite ” in <i>Só</i>
Petrarca	“132 (Se amor não é, qual é meu sentimento?)” (trad. Vasco Graça Moura) in <i>As Rimas de Petrarca</i>
Shakespeare	“Soneto XCVIII (De ti me separei na Primavera)” (trad. Luís Cardim), in <i>Colóquio Letras n.º 168/169 (Imagens da Poesia Europeia II)</i>



PLANIFICAÇÃO ANUAL

Planificação anual – 8º ano de escolaridade

ATIVIDADES DE DIAGNÓSTICO											4 aulas ¹
SEQUÊNCIA 1 – TEXTOS DOS <i>MÉDIA</i> E DO QUOTIDIANO											Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC ²	Leitura	MC ²	Escrita	MC ²	Oralidade	MC ²	Gramática	MC ²	
			Notícia – Estrutura do texto – Temas e ideias principais (justificação) – Estruturação do texto (partes e subpartes) – Sentido global do texto – Papel dos suportes (papel, digital, visual) e espaços de circulação (jornal, Internet...) na estruturação e receção dos textos	9.1 9.6 9.8 11.2			Expressão oral: apresentação oral de um tema – Planificação por tópicos – Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista	4.1 5.2			
			Reportagem – Temas e ideias principais, (justificando) – Pontos de vista e universos de referência, (justificando) – Estruturação do texto (partes e subpartes)	8.1 9.1 9.2 9.6	Texto expositivo – Definição de objetivos de escrita; registo e organização de ideias; organização da informação segundo a tipologia do texto – Ordenação e hierarização da informação – Adequação a públicos e a finalidades comunicativas diferenciados – Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação) – Avaliação da correção e da adequação do texto; reformulação	16.1 13.1 14.1 14.3 14.4 19.1		– Formação de palavras – Classes de palavras – Pontuação	Rev. 23.1 Rev.		

¹ 1 aula = bloco de 45 minutos

² MC = Metas Curriculares

SEQUÊNCIA 1 – TEXTOS DOS <i>MÉDIA</i> E DO QUOTIDIANO											
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	Calenda- rização
Texto de opinião			Texto de opinião – Temas e ideias principais (justificação) – Deduções e inferências (justificação) – Sentido global do texto – Identificação de ideias-chave	8.1 9.1					– Flexão em grau dos nomes – Adjetivo – Flexão verbal – Pronome pessoal em adjacência verbal	Rev. 23. Rev. 24.1	
Crítica			Crítica – Temas e ideias principais (justificação) – Deduções e inferências (justificação) – Sentido global do texto – Identificação de ideias-chave	8.1 9.1			Compreensão oral: programa radiofónico – Tema; assunto – Tópicos	1.1 1.2	– Valor dos afixos – Advérbio – Conjunções subordinativas – Significação lexical	Rev. 23.1.a) 23.1.b)	
Publicidade			Publicidade – Estruturação do texto (partes e subpartes) – Sentido global do texto – Papel dos suportes (papel, digital, visual) e espaços de circulação (jornal, Internet...) na estruturação e receção dos textos	9.6			Expressão oral: debate – Retoma, clarificação e resumo de ideias	3.4 3.1	– Advérbios e locuções adverbiais	23.1.a)	
							Situações de interação oral: – Pedido de informação complementar – Estabelecimento de relações com outros conhecimentos – Fluência e correção; complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação	3.2 3.3 4.3			

SEQUÊNCIA 1 – TEXTOS DOS MÍDIA E DO QUOTIDIANO											Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
Entrevista			Entrevista – Temas e ideias principais (justificação) – Pontos de vista e universos de referência (justificação) – Deduções e inferências (justificação) – Estruturação do texto (partes e subpartes) – Relações intratextuais: oposição	8.1			Compreensão oral: entrevista – Tema; assunto – Variação linguística: • plano fonológico • plano lexical • plano sintático – Variedades do português: • contextos geográficos de ocorrência	1.1			
				9.1				6.1			
				9.2				6.2			
				9.4							
				9.6							
Texto expositivo				9.7					– Neologismos	25.1	
				8.1							15.2
				9.1							
				9.6							15.3
				9.8							
Roteiro			Roteiro – Temas e ideias principais (justificação) – Pontos de vista e universos de referência (justificação) – Deduções e inferências (justificação) – Identificação de ideias-chave	8.1		Resumo – Respostas completas a instruções de trabalho (detetando o foco da pergunta) – Resumos de textos expositivos		18.4 13.1	– Campo semântico – Campo lexical – Subclasses do verbo	25.4 Rev. Rev.	
				9.1							
				9.2							
				9.4							14.3
				10.2							14.7
										19.1	

SEQUÊNCIA 2 – TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES											Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
Memórias			Memórias – Temas e ideias principais (justificação) – Pontos de vista e universos de referência (justificação)	8.1 9.1 9.2	Página de memórias – Definição de objetivos de escrita; registro e organização de ideias; organização da informação segundo a tipologia do texto – Coerência, coesão e correção linguísticas – Avaliação da correção e da adequação do texto; reformulação	18.2 13.1 14. 19.1	Compreensão oral: visionamento de filme (excerto) – Identificação de ideias-chave – Organização de notas – Síntese do texto ouvido	2.1 2.2 2.3	– Classes de palavras – Tempos e modos verbais – Formação de palavras	23 Rev. Rev.	
Texto autobiográfico			Texto autobiográfico – Temas e ideias principais (justificação) – Pontos de vista e universos de referência (justificação) – Estruturação do texto (partes e subpartes) – Sentido global do texto	8.1 9.1 9.2 9.6 9.8	Texto (auto)biográfico – Definição de objetivos de escrita; registro e organização de ideias; organização da informação segundo a tipologia do texto – Ordenação e hierarquização da informação: • continuidade de sentido • progressão temática • coerência global do texto – Estruturação e formato: • convenções tipológicas • convenções (orto)gráficas – Avaliação da correção e da adequação do texto; reformulação	18.1 13.1 9.2 14.1 14.2 19.1	Expressão oral: apresentação oral de um tema – Planificação por tópicos – Apresentação oral de um tema, justificando pontos de vista	4.1 5.2			

SEQUÊNCIA 2 – TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES										Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
3 narrativas de autores portugueses										
"Assobiando à vontade", de Mário Dionísio	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Sentido global do texto - Ponto de vista de diferentes personagens - Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.1 21.1			Comentário crítico Comentários (subordinados a tópicos fornecidos)	18.6	Expressão oral: relato - Planificação por tópicos - Fluência e correção; complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação - Vocabulário e estruturas diversificadas - Textos orais com diferentes finalidades (5 min.)	4.1 4.3 4.4 5.	- Classes de palavras - Advérbio - Funções sintáticas - Orações subordinadas adjetivas relativas - Monossemia e polissemia	23. 23.1.a) Rev. 24.4 24.5 25.2 25.3
"A Inadita Guerra da Avenida Gago Coutinho", de Mário de Carvalho	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Sentido global do texto - Ponto de vista de diferentes personagens - Estruturação do texto (partes e subpartes)	20.1 20.2 20.3 20.6 20.7	- Tratamento da informação, organizando notas - Síntese de texto expositivo	10.1 15.3	Expressão de conhecimentos - Respostas completas a questões sobre um texto - a instruções de trabalho (detetando o foco da pergunta)	15.1 15.2	Compreensão oral: texto informativo - Tema; assunto - Tópicos - Intencionalidades comunicativas em sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar, persuadir)	1.1 1.2 1.4	- Formação de palavras - Palavras de origem árabe - Áreas de influência lexical árabe - Oração subordinada adjetiva relativa	Rev. Rev.

SEQUÊNCIA 2 – TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES											Calendarização	
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC		
“Vicente”, de Miguel Torga	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Sentido global do texto - Ponto de vista de diferentes personagens - Estruturação do texto (partes e subpartes) - Textos literários: • novidade de um texto em relação a outro(s) • relações de intertextualidade - Valores culturais e éticos	20.1						Compreensão oral: texto informativo - Tema; assunto - Tópicos	1.1 1.2	- Classes e subclasses de palavras - Tempos e modos verbais - Funções sintáticas - Orações subordinadas - Modificador do nome	23.	
		20.2									Rev.	
		20.3									Rev.	
		20.6							3.1		24.2	
		20.7							3.2			
		20.9							3.4			
		20.10										
		21.2										

SEQUÊNCIA 3 – TEXTOS DE LITERATURA JUVENIL											
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	Calenda- rização
					Página de diário – Definição de objetivos de escrita; registo e organização de ideias; organização da informação segundo a tipologia do texto – Ordenação e hierarquização da informação: continuidade de sentido; progressão temática; coerência global do texto – Adequação a públicos e a finalidades comunicativas diferenciados – Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação) – Sinais de pontuação	18.2 13.1 14.1 14.3 14.4 14.5					
Literatura juvenil <i>O Último Grimm,</i> de Álvaro Magalhães	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) – Ponto de vista de diferentes personagens – Opiniões e problematização de sentidos (oral e escrito)	20.1 20.6 21.3							– Sinóníma – Advérbios (valor) – Conjunções e locuções conjuncionais – Conjunções subordinativas adverbiais	25.5 23.1.a) 23.1.b) 23.1.c) 23.1.b)	

SEQUÊNCIA 4 – TEXTOS DE AUTORES DE PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA E ESTRANGEIROS											
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	Calenda- rização
Texto de autor de país de língua oficial portuguesa <i>Mar me quer</i> , de Mía Couto	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Ponto de vista de diferentes personagens - Recursos expressivos (valor) - Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Opiniões e problematização de sentidos (oral e escrito)	20.1	- Variação linguística: - plano lexical - plano sintático - Variedades do português: - contextos históricos e geográficos de ocorrência	12.1	Texto expositivo - Definição de objetivos de escrita; registro e organização de ideias; - organização da informação segundo a tipologia do texto - Ordenação e hierarquização da informação: continuidade de sentido; progressão temática; coerência global do texto - Adequação a públicos e a finalidades comunicativas diferenciados	13.1	Compreensão oral: excerto de obra literária - Manifestação de ideias e pontos de vista - Identificação de ideias-chave - Organização de notas	1.5	- Variedades do português (variante de Moçambique) - Tempos e modos verbais - Conjunções e locuções conjuncionais subordinativas - Orações subordinadas adverbiais	Rev.	10 aulas
		20.2		12.2				2.1		Rev.	
		20.6				14.1		2.2		23.1.b), c)	
		20.8								24.4	
		21.1			14.3					24.5	
		21.3			16.1						
Texto de autor estrangeiro <i>O Hobbit</i> , de J. R. R. Tolkien	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.1	Texto informativo - Temas e ideias principais (justificação) - Identificação de ideias-chave	8.1 9.1	Relatório	18.5	Compreensão oral: texto narrativo - Tópicos - Informação objetiva e informação subjetiva (distinção)		- Conjunção e locução conjuncional subordinativa - Oração subordinada adverbial comparativa - Pronome pessoal em adjacência verbal	23.1.b) e c)	
						15.3		1.2 1.3		24.3.a)	
		20.2		10.2						24.1	

SEQUÊNCIA 5 – TEXTO DRAMÁTICO											
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	Calenda- rização
2 textos dramáticos de autores portugueses <i>Vanessa vai à luta</i> , de Luísa Costa Gomes	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Texto dramático: • ato • cena • fala • indicação cênica - Diálogos, monólogos e apartes - Ponto de vista de diferentes personagens	20.1	Leitura dramatizada	7.1	Texto expositivo - Definição de objetivos de escrita - Registro e organização de ideias; organização da informação segundo a tipologia do texto - Coerência, coesão e correção - Normas para citação linguísticas - Avaliação da correção e da adequação do texto; reformulação	16.1 13.1 14. 14.6 19.1	Compreensão oral: texto informativo - Tema; assunto - Tópicos - Informação objetiva e informação subjetiva - Intencionalidades comunicativas em sequências textuais (informar, narrar, descrever, explicar, persuadir) - Manifestação de ideias e pontos de vista - Identificação de ideias-chave - Síntese do texto ouvido	1.1 1.2 1.3 1.4 1.5 2.1 2.3	- Funções sintáticas - Divisão e classificação de orações - Orações subordinadas substantivas completivas - Relações semânticas entre palavras	Rev. 24.3.a) 24.5 24.3.b) 25.4 25.5	12 aulas

SEQUÊNCIA 5 – TEXTO DRAMÁTICO											Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC	
A ilha encantada, de Hélia Correia	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) – Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) – Ponto de vista de diferentes personagens – Estruturação do texto (partes e subpartes) – Recursos expressivos (valor) – Análise de recriações de obras literárias com recurso a diferentes linguagens (música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV)	20.1.			– Vocabulário e estruturas sintáticas (diversificação) – Avaliação da correção e da adequação do texto; reformulação	14.4					
						19.1					
					Comentário – Coerência, coesão e correção linguísticas – Comentários (subordinados a tópicos fornecidos) – Avaliação da correção e da adequação do texto; reformulação	21.4 14.	Expressão oral: debate – Retoma de ideias; clarificação de ideias; resumo de ideias – Pedido de informação complementar – Estabelecimento de relações com outros conhecimentos – Justificação de ideias e opiniões	3.4	– Divisão e classificação de orações – Funções sintáticas – Pronome em adjacência verbal – Discurso direto e indireto	24.3 24.5 Rev. 24.1 Rev.	
						18.6					
						19.1					
Texto do PNL		20.6									
		20.7									
		20.8									
		22.3									
			</								

SEQUÊNCIA 6 – POESIA									
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática
<i>Cantiga de Amigo</i> , de Mendinho	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero)	20.1			Síntese de texto informativo	15.3			
	– Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.2							
<i>Cantiga sua, partindo-se</i> , de João Roiz de Castel-Branco	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero)	20.1					Expressão oral: texto explicativo em interação		
	– Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.2					– Retoma de ideias; clarificação de ideias; resumo de ideias	3.1	
	– Sentido global do texto	20.3					– Pedido de informação complementar	3.2	
	– Recursos expressivos (valor)	20.8					– Estabelecimento de relações com outros conhecimentos	3.3	
<i>Comigo me desavim</i> , de Sá de Miranda	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero)	20.1					– Justificação de ideias e opiniões	3.4	
	– Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.2							Rev. 23. 24.3 24.5
	– Recursos expressivos (valor)	20.8							– Flexão verbal
<i>Endechas a Bárbara escrava</i> , de Luís de Camões	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero)	20.1					Expressão oral: texto descritivo		
	– Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação)	20.2					– Textos orais com diferentes finalidades (5 min.)	5	
							– Informação; explicação	5.1	

SEQUÊNCIA 6 – POESIA										Calenda- rização
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	
	de referência (justificação) – Sentido global do texto – Recursos expressivos (valor)	20.3 20.8					– Planificação por tópicos – Fluência e correção; complexidade adequada ao tema e às situações de comunicação – Vocabulário e estruturas diversificadas	4.1 4.3 4.4		
<i>Descalça vai para a fonte,</i> de Luís de Camões	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) – Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) – Sentido global do texto – Recursos expressivos (valor) – Textos: novidade de um texto em relação a outro(s) – Comentário crítico (cerca de 120 palavras)	20.1 20.2 20.3 20.8 20.9 21.4			Comentário crítico	21.4 18.6				
<i>Amor é um fogo que arde sem se ver,</i> de Luís de Camões	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) – Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) – Estruturação do texto (partes e subpartes) – Recursos expressivos (valor)	20.1 20.2 20.7 20.8							– Pronome em adjacência verbal – Oração subordinada substantiva – Frase ativa e frase passiva	24.1 24.3.b) Rev.

SEQUÊNCIA 6 – POESIA									
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática
<i>Alma minha gentil, que te partiste,</i> de Luís de Camões	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Sentido global do texto	20.1					Compreensão oral: poema – Identificação de ideias-chave – Organização de notas – Síntese do texto ouvido	2.1 2.2 2.3	
		20.2							
		20.3							
<i>Erros meus, má fortuna, amor ardente,</i> de Luís de Camões	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Sentido global do texto	20.1						– Advérbio – Campo semântico – Divisão e classificação de orações	23.1.a) 25.4 24.3
		20.2							
		20.3							
<i>Chaves na mão, melena desganhada,</i> de Nicolau Tolentino de Almeida	- Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao gênero) - Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) - Comentário crítico (cerca de 120 palavras)	20.1					Expressão oral: troca de impressões – Retoma, clarificação e resumo de ideias – Pedido de informação complementar – Estabelecimento de relações com outros conhecimentos – Justificação de ideias e opiniões – Apresentação e defesa de ideias, comportamentos, valores, argumentando e justificando pontos de vista	3.1 3.2 3.3 3.4 5.3	
		20.2							
		21.4							

SEQUENCIA 6 – POESIA

SEQUENCIA 6 – POESIA										
Textos (Metas Curriculares)	Educação Literária	MC	Leitura	MC	Escrita	MC	Oralidade	MC	Gramática	MC
Aqui, sobre estas águas cor de azeite, de António Nobre	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) – Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) – Comentário crítico (cerca de 120 palavras)	20.1					Compreensão oral: canção – Tópicos – Identificação de ideias-chave – Organização de notas	1.2 2.1		
		20.2						2.2		
		21.4								
Regresso ao Lar, de Guerra Junqueiro	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) – Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) – Sentido global do texto – Recursos expressivos (valor)	20.1			Comentário crítico	18.6 21.4				
		20.2								
		20.3								
		20.8								
Soneto 132, de Petrarca	– Textos literários diversificados (quanto ao país de origem, à época e ao género) – Temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência (justificação) – Sentido global do texto	20.1								
			Leitura expressiva							
		20.2								
		20.3				7.1				



TESTES DE AVALIAÇÃO

1 TESTE DE AVALIAÇÃO – PORTUGUÊS

SEQUÊNCIA 1

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ nº: _____ Turma: _____

GRUPO I – Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Entrevista a Gonçalo M. Tavares

Por Isabel Lucas

Num café de Lisboa onde passou muitas horas de escrita, Gonçalo M. Tavares, 43 anos, 12 de publicação, tem dois livros em cima da mesa, *Animalescos*, ficção publicada em junho, e *Atlas do Corpo e da Imaginação*, um trabalho de fôlego, imagem e texto, que acaba de sair, feito em conjunto com um grupo de arquitetos a que foi dado o nome de Espacialistas.

Começou este livro em 2005.

Sim, uma eternidade. A parte central foi escrita em 2005, são quase dez anos, e é mesmo a sensação de o livro ir mudando e pedindo determinadas coisas. Está praticamente terminado há um ano. As imagens foram aparecendo e foi-se moldando. Para mim o tempo dos livros é importante.

A ideia de ser escrito em fragmentos¹ foi primordial?

Sim. Pode ser lido em qualquer sítio. É também um grande elogio ao fragmento. Se a pessoa ler a oito há uma espécie de narrativa, mas há também a possibilidade de entrar num capítulo sobre a vergonha ou sobre o amor sem a necessidade de saber o que está antes ou virá depois. Há uma leitura fundamental, silenciosa, concentrada, contínua, mas pode ser isso tudo e por fragmentos.

E consegue ser um escritor de fôlego, como um escritor de velocidade?

O *Animalescos* é de outro mundo de movimentos. Tenho muito prazer nas histórias. O *Senhor Valery*, da série *O Bairro*, é um contador de histórias. Mas às vezes escrevo sem pensar em forma nenhuma. No *Animalescos* o movimento de escrita é muito veloz e orgânico. Quase incompatível com o *Atlas* ou *Uma Viagem à Índia*. Gosto da escrita instintiva. Há os equívocos² acerca do pensamento estar ligado à lentidão, mas o *Animalescos* tem velocidade e reflexão. O *Atlas* tem a ver com lentidão.

Continua a escrever num espaço fora de casa?

Completamente. Um espaço do século XVIII. Sem contactos, sem comunicação. Agora escrevo muito de seguida, três ou quatro horas sem parar. Não revejo. A uma velocidade enorme. Às vezes acelero de tal maneira que as letras saem fora do lugar. No início escrevo

mais lento e quando começo a acelerar todas as letras estão fora do lugar. É a minha forma. Sou muito intuitivo. Não gosto de pensar antes de escrever.

E a reescrita?

Aí é completamente diferente. É outra parte do cérebro, outra tarefa. Tento escrever muito de manhã. Mas pegar no texto, cortar, esse trabalho gigantesco, faço à tarde. É como se fosse feito com a mão esquerda e outro com a mão direita. A escrita é com a mão esquerda, o apurar com a direita. O ato decisivo é dado com a mão esquerda, disse Walter Benjamin. A escrita e a reescrita são dois esforços completamente diferentes, como duas energias. A energia da reescrita é muito mais lúcida.

Vocabulário:

¹ excertos; ² enganos não propositados, mal-entendidos

In *Ipsilon*, 23 de dezembro de 2013, edição *online*
(texto com supressões, acedido em março de 2014).

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações presentes no texto.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto.

Começa a sequência pela letra (B).

(A) O novo livro de Gonçalo M. Tavares é constituído por fragmentos.

(B) Gonçalo M. Tavares passou muitas horas a escrever num café de Lisboa.

(C) O autor escreve por vezes sem pensar.

(D) O autor começou a escrever o seu novo livro em 2005.

(E) O autor considera que reescrever um texto exige maior lucidez.

(F) O livro de Gonçalo M. Tavares agora publicado está escrito há praticamente um ano.

(G) O autor costuma escrever três ou quatro horas de seguida.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. A entrevista feita a Gonçalo M. Tavares focaliza-se sobretudo

(A) nos livros escritos pelo autor em doze anos.

(B) no último livro publicado pelo autor.

(C) no tempo que o autor utiliza para escrever.

(D) nos locais onde o autor escreve.

2.2. O nome “Espacialistas” (linha 4) foi dado

- (A) ao conjunto das duas obras que Gonçalo M. Tavares tem em cima da mesa.
- (B) ao trabalho de fôlego, imagem e texto do *Atlas do Corpo e da Imaginação*.
- (C) a Gonçalo M. Tavares e ao grupo de arquitetos que trabalhou com ele.
- (D) ao grupo de arquitetos que trabalhou com Gonçalo M. Tavares.

2.3. Ao afirmar “O *Animalescos* é de outro mundo de movimentos” (linha 17), o autor indica que o livro referido

- (A) é constituído por fragmentos.
- (B) não pode ser lido a eito.
- (C) não é constituído por fragmentos.
- (D) foi escrito com lentidão.

2.4. Escrever e reescrever são dois processos

- (A) antagónicos.
- (B) semelhantes.
- (C) gigantescos.
- (D) lúcidos.

3. **Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.**

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) O pronome “que” (linha 3) refere-se a “texto”.
- (B) O pronome “a que” (linha 4) refere-se a “um grupo de arquitetos”.
- (C) Os pronomes “isso tudo” (linhas 14-15) referem-se a “uma leitura fundamental, silenciosa, concentrada, contínua”.
- (D) A expressão “É a minha forma” (linhas 27-28) refere-se ao seu processo de escrita.

Parte B

Lê o texto que se segue. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Roteiro da cidade de Lisboa

Lisboa é a cidade das sete colinas, também conhecida como a cidade branca, graças à luminosidade que emana¹. A luz, o ambiente e o clima proporcionam passeios maravilhosos ao longo de várias zonas da cidade. É uma beleza que se estende para lá dos monumentos, que se vive nas ruas, que se abraça com todos os sentidos.

5 A zona do Carmo, vizinha do Chiado, tem alguns pontos fascinantes da história da cidade, como o convento e a igreja do Carmo, que mantém a elegância e a imponência. Aí poderá visitar as ruínas, mas também o Museu Arqueológico do Carmo, que inclui um espólio de peças pré-históricas, romanas, medievais, manuelinas, renascentistas e barrocas. O largo do Carmo é também um local emblemático da história nacional recente, tendo sido palco privilegiado da revolução dos cravos, em 25 de abril de 1974.

10 O elétrico é um dos mais famosos e típicos transportes de Lisboa. Viajar nele é entrar num imaginário presente, mas também tradicional. Pode passear até Alfama através dele, mas um passeio a pé pela encosta é também bastante atraente. Da Baixa para cima, encontrará ruas típicas, vielas e miradouros extraordinários. Mal começamos a subir, deparamo-nos com o mais popular dos santos portugueses, o Santo António, numa pequena estátua restaurada, numa igreja com o seu nome e no Museu Antoniano. Este santo popular é inspirador pela apologia ao amor.

15 A ligação entre o Carmo e a Baixa é feita através de outro monumento fundamental da cidade, o irresistível Elevador de Santa Justa. No topo deparamo-nos com uma belíssima vista sobre a Baixa Pombalina. Não perca a oportunidade de descer ou subir por este elevador centenário, o único elevador vertical que presta um serviço público e que foi concebido por um discípulo de Gustave Eiffel, mantendo por isso um estilo arquitetónico peculiar².

20 Logo depois, encontramos a Sé Catedral (século XIII), um verdadeiro monumento, cuja imponência e austeridade nos fazem realmente parar e entrar para sermos surpreendidos.

25 Continuando a subir, sem medo de nos cansarmos pois as descobertas mantêm-nos bem despertados e desejosos de ver mais, encontraremos os miradouros de Santa Luzia e das Portas do Sol.

30 Parta enfim para o Castelo de São Jorge, onde a história da cidade começou. É um dos monumentos mais visitados na cidade, não só pela sua importância histórica e cultural, mas também pela magnífica vista que oferece sobre Lisboa. Na Costa do Castelo, encontrará outros miradouros com ambientes especiais, especialmente o do Chafitô, um espaço único. Se foi no Castelo que tudo começou, a história encontra-se em toda a cidade. Com mil anos de história, Lisboa está repleta de monumentos de grande importância, que traduzem alguns dos momentos mais fundamentais da história nacional. Capital de Império, Lisboa teve o seu expoente máximo de riqueza na época dos Descobrimentos, assegurando um património único de uma beleza rara.

<http://www.abcviajens.com/index.php/roteiro-de-portugal/50-roteiro-da-cidade-de-lisboa>
(texto adaptado, com supressões, acedido em abril de 2014)

Vocabulário:

¹ existe, surge, nasce; ² especial, próprio

4. **Identifica o objetivo deste roteiro, referindo a quem se destina.**
5. **Divide o texto em partes, atribuindo um título a cada uma.**
6. **Referindo-se ao elétrico, o autor diz “Viajar nele é entrar num imaginário presente, mas também tradicional.” (linhas 11-12)**
 - 6.1. Explica a afirmação.
7. **Identifica, no último parágrafo, três aspetos que levam a considerar o Castelo de São Jorge um ponto de interesse, a visitar em Lisboa.**

GRUPO II

1. **Seleciona a única palavra que não é derivada por sufixação.**
 - (A) Povoacense
 - (B) Tendencioso
 - (C) Particularizar
 - (D) Saxofone
2. **Identifica a única frase que não contém um pronome.**
 - (A) Nós traçamos a verde o itinerário a fazer e os locais de interesse a visitar.
 - (B) Adoro viajar e conhecer cidades; porém, faz-me bem descansar no campo.
 - (C) Não passa por aqui nenhum autocarro que vá para aquela parte da cidade.
 - (D) Foi ontem que marcámos o hotel, fizemos as malas e nos pusemos ao caminho.
3. **Seleciona a única opção correta.**

Na frase “Talvez visitemos o Castelo de São Jorge na próxima semana” está presente um advérbio com valor semântico de

 - (A) tempo.
 - (B) lugar.
 - (C) dúvida.
 - (D) afirmação.
4. **Reescreve a frase “Os alunos esqueceram-se de levar o roteiro que lhes foi dado ontem”, iniciando-a da seguinte forma:**

Todos os alunos...

GRUPO III

Recorda uma visita de estudo, uma viagem ou um simples passeio que tenhas feito recentemente.

Elabora um texto em que dê conta dos acontecimentos que ocorreram nessa saída (podendo referir as atividades que realizaste, o que conheceste, com quem estiveste, entre outros aspetos que consideres pertinentes).

2 TESTE DE AVALIAÇÃO – PORTUGUÊS

SEQUÊNCIA 2

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ nº: _____ Turma: _____

GRUPO I – Parte A

Lê o texto.

Os seres humanos não conseguem viver isoladamente. No decorrer das suas vidas, vão desenvolvendo uma série de habilidades para se relacionarem com o mundo que os cerca.

A “descoberta” do mundo exterior começa na família, que é o primeiro grupo em que cada um participa. Depois, vem a escola. Estes dois grupos sociais influenciam bastante a vida de cada ser humano.

Desde o nascimento, as pessoas vão desenvolvendo muitos tipos de relações. Relacionam-se por amizade, por motivos de estudo, para participar em associações de diversos tipos (é o caso dos moradores de um bairro ou de um condomínio, dos membros de um clube), para desenvolver atividades profissionais, etc.

É comum utilizar-se o termo sociedade civil para designar o conjunto de pessoas e grupos sociais (e suas relações) que compõem um país. Esse conjunto está sujeito a normas e regras, que compõem a cultura de uma sociedade. Mas há muitos outros elementos formadores da cultura: as crenças, as artes, a música, as formas de produção de mercadoria e de relacionamento com a Natureza, a culinária, as maneiras de se transmitir conhecimento, entre outros. Tudo isso está presente no espaço geográfico e as características desse espaço dependem das características culturais de uma determinada sociedade.

No âmbito das relações sociais, desenvolvem-se, por diversos motivos, situações de solidariedade e de conflito. Estas últimas estão presentes nas relações entre as pessoas, seja porque elas são diferentes, seja porque têm objetivos e interesses diferentes.

Os conflitos ocorrem também entre grupos sociais ou entre países diferentes. São muitas vezes o resultado do desrespeito pelas diferenças entre grupos e sociedades, da intolerância, do facto de as sociedades quererem sobrepor-se a outras e explorá-las de alguma forma – essa situação foi uma constante ao longo da história da humanidade.

Por fim, não podemos deixar de destacar que, dentro de cada sociedade, também existem muitas diferenças. Elas são de diversos tipos, principalmente nas sociedades urbano-industriais. Uma diferença importante que existe nas sociedades está relacionada com as condições socioeconómicas.

<http://democratizandoosaber.blogspot.pt>
(texto adaptado, acedido em maio de 2014)

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de (A) a (F) baseiam-se em informações presentes no texto.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto.

Começa a sequência pela letra (D).

- (A) As pessoas desenvolvem, desde o nascimento, muitos tipos de relações.
- (B) Diferentes elementos culturais coexistem num determinado espaço geográfico.
- (C) Uma das diferenças, dentro de cada sociedade, deve-se essencialmente às condições socioeconómicas.
- (D) Os seres humanos procuram relacionar-se com o mundo que os cerca.
- (E) É na família e na escola que a descoberta do mundo exterior começa.
- (F) Os conflitos sociais ocorrem nas relações entre as pessoas, entre os grupos sociais ou entre países diferentes.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. O tema do texto é

- (A) a vida em sociedade.
- (B) os seres humanos.
- (C) o espaço geográfico.
- (D) a família e a escola.

2.2. Nos primeiros anos de vida, o ser humano é influenciado essencialmente

- (A) pelas associações em que está integrado.
- (B) pela atividade profissional que desempenha.
- (C) pela família e pela escola.
- (D) pelos laços de amizade.

2.3. As situações de conflito ocorrem

- (A) entre pessoas, entre grupos sociais e entre países diferentes.
- (B) entre grupos sociais e entre países diferentes.
- (C) entre pessoas com objetivos e interesses diferentes.
- (D) entre grupos sociais com objetivos e interesses diferentes.

2.4. Uma diferença importante nas sociedades deve-se

- (A) aos conflitos existentes.
- (B) às características da humanidade.
- (C) às sociedades urbanoindustriais.
- (D) às condições socioeconómicas.

3. Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- (A) O pronome “suas” (linha 1) refere-se a “seres humanos”.
- (B) O pronome “que” (linha 12) refere-se a “conjunto de pessoas e seres sociais”.
- (C) O pronome “elas” (linha 21) refere-se a “relações sociais”.
- (D) O pronome “Elas” (linha 27) refere-se a “muitas diferenças”.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

De repente, uma criança que ia sentada junto duma janela e já se sentia enfastiada de olhar para a rua interessou-se pelo homem. Achava-lhe tanta graça, com o seu chapéu coçado, o seu sobretudo castanho, o seu assobio... Era uma criança muito pálida, de cabelos louros e encaracolados, vestida de azul. Interessou-se tanto pelo homem que começou a bater palmas. Mas uma senhora nova e bonita, que ia ao lado dela, segurou-lhe as mãos com gentileza e afastou-lhas. Devia ir calada e quietinha. Era muito feio fazer barulho no elétrico. Uma menina bonita não fazia barulho. “Que disse eu à minha filha?” No entanto, a senhora nova e bonita não antipatizava com o homem. Olhava os embrulhos de papel vistoso que trazia nos joelhos e pensava: se não pudesse mais e comesse também a assobiar? No fundo, admirava a sem-cerimónia do homem do chapéu coçado. Não seria adorável ela própria, uma senhora casada e mãe duma garota de cinco anos, começar a assobiar num elétrico se lhe apetecesse? Quando era da idade da filha, a senhora bonita ia muitas vezes ao campo vestida com coisas velhas para poder atirar-se para a relva à vontade. Tinha uma voz muito suave e muito fresca, gostava de fazer precisamente aquilo que uma menina bonita não deve fazer. Os amigos do pai pegavam-lhe ao colo, atiravam-na ao ar. E ela ria, ria, ria até ficar sufocada. A mãe dizia: “Pronto, pronto, vamos a ter juízo, não se ri assim dessa maneira.” E, quanto mais lho diziam, mais lhe apetecia rir, rir, rir.

De vez em quando, um passageiro saía. A plataforma do carro ia-se esvaziando. E, pouco a pouco, os que ficavam foram-se habituando àquele estúpido assobio. Os cavaleiros tinham esquecido os jornais. Algumas senhoras sorriam. Já se vira um disparate assim? Principalmente a senhora opulenta não podia mais. Apertava os lábios. Sentada num banco de lado, encontrava os olhos de toda a gente. Era irresistível. E a senhora bonita pensava em ar livre e nos tempos da infância. Na escola aprendera a assobiar e a lançar o pião. Havia vozes que tinham ficado dentro dela: “Uma menina a assobiar, Nini?”

Em dada altura, o homem, sem deixar de assobiar, levantou-se e puxou o cordão da campainha. Era um homenzinho insignificante, ainda novo e já de cabelos grisalhos, chapéu coçado, sobretudo castanho muito lustroso¹ nas bandas. Mas havia nele uma indiferença soberana pelo elétrico inteiro. Toda a gente o olhava. Com desprezo? Com ironia? Com inveja? Abriu a porta, fechou-a e saltou com o carro ainda em andamento.

30 As pessoas voltaram-se então umas para as outras, não resistiram mais e riram
mesmo. Que homenzinho patusco²! Desculpavam-se, explicavam-se sem palavras. En-
tendiam-se. Um minuto de simplicidade e simpatia iluminou-as. A criança que batera pal-
mas limpou com a mão o vidro embaciado da janela à procura do estranho passageiro.
35 Viu-o atravessar a rua, seguir pelo passeio agarrado às casas, desaparecer.

Só então a senhora nova e bonita, que era a mãe da criança, abriu os olhos. Ninguém
hoje lhe chamava Nini. Nini era a filha. Ela agora é que dizia à filha: “Uma menina a asso-
biar, Nini! Uma menina bonita não faz barulho.”

40 Ficara nos lábios e nos olhos de todos um sorriso de bondosa ingenuidade. Depois
esse sorriso foi-se apagando. Morreu. As pessoas tomaram consciência da sua momen-
tânea quebra de compostura. Lembraram-se dos seus embrulhos, dos seus anéis, dos
seus jornais. Que patetice! Não havia outra palavra para aquilo. Que patetice! Os cava-
lheiros começaram a ler os títulos das notícias. As senhoras deram um toque nas golas
dos casacos. A criança tornou a olhar para a rua.

Tudo voltou, pesadamente, a encher-se de silêncio e dignidade.

Mário Dionísio, “Assobiando à vontade” in *O dia cinzento e outros contos*. 3ª ed.
Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1997, pp. 47-58.

Vocabulário:

¹ reluzente; ² cómico, divertido

4. Caracteriza a criança que se interessou pelo homem, referindo o que a levou a reparar nele.
5. Explicita a intenção do narrador ao transcrever o pensamento da mãe: “Que disse eu à minha filha?” (linha 7).
6. Explica por que razão os passageiros do autocarro só se riram após o homem ter saído.
7. Relê o último parágrafo do texto e comenta o seu significado, atendendo ao excerto na globalidade.

GRUPO II

1. Identifica a classe e a subclasse das palavras sublinhadas nas seguintes frases.

- (A) “No entanto, a senhora nova e bonita não antipatizava com o homem.”
- (B) “E, pouco a pouco, os que ficavam foram-se habituando àquele estúpido assobio.”
- (C) “Ficara nos lábios e nos olhos de todos um sorriso de bondosa ingenuidade.”
- (D) “Lembraram-se dos seus embrulhos, dos seus anéis, dos seus jornais.”

- 2. Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares a função sintática do constituinte sublinhado em cada frase.**

Coluna A	Coluna B
(A) Os passageiros <u>estranharam o comportamento do homem.</u>	1 Sujeito
(B) – <u>Filha</u> , não te rias assim.	2 Vocativo
(C) Nini era <u>a filha.</u>	3 Complemento direto
(D) Os passageiros recomeçaram <u>a leitura dos jornais.</u>	4 Complemento indireto
(E) A criança procurou <u>de novo</u> o homem.	5 Complemento oblíquo
	6 Modificador
	7 Predicado
	8 Predicativo do sujeito

- 3. Integra, na seguinte frase, um constituinte que desempenhe a função sintática de modificador de nome apositivo.**

A senhora nova e bonita não antipatizava com o homem.

- 4. Qual das frases complexas seguintes integra uma oração subordinada adjetiva relativa restritiva?**

- (A) Os passageiros que compraram bilhete tiveram um desconto.
- (B) A Nini, que ia junto à janela, procurou o homem.
- (C) A senhora nova e bonita, que era a mãe da criança, abriu os olhos.
- (D) O condutor, que ia distraído, não viu o homem sair.

- 5. Cria três frases com a palavra “voz”, de forma a provares que é uma palavra polissémica.**

GRUPO III

Relê o texto do Grupo I e elabora a sua síntese, que deverá ter entre 50 a 80 palavras.

3

TESTE DE AVALIAÇÃO – PORTUGUÊS

SEQUÊNCIA 3

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ nº: _____ Turma: _____

GRUPO I – Parte A

Lê o texto que se segue.

Manoel de Oliveira filma esta semana *O Velho do Restelo*

Sérgio C. Andrade
08/04/2014

Manoel de Oliveira disse uma vez que o Porto era a sua casa e que o cinema era a sua vida. E se a sua vida e carreira, ambas já longas, confirmam essas afirmações, nunca como agora elas estarão tão ligadas. O realizador, de 105 anos, vai rodar o seu novo filme esta semana, a partir de quarta-feira, mesmo junto à sua casa na Foz, na sua cidade natal.

Foram finalmente desbloqueadas as condições necessárias à concretização do projeto *O Velho do Restelo*, uma reflexão sobre Portugal e a sua História, a partir da situação de crise que o país atualmente vive.

Produção de O Som e a Fúria – o mesmo produtor da mais recente longa-metragem do realizador, *O Gebo e a Sombra* (2012) –, *O Velho do Restelo* pega nesta personagem pessimista e derrotista d’*Os Lusíadas* e associa-lhe uma leitura pessoal de textos de Miguel de Cervantes, Teixeira de Pascoaes e Camilo Castelo Branco, além de excertos de filmes anteriores do próprio realizador. Será um filme sobre “um presente suspenso da realidade” da crise económica que se abateu sobre nós, disse Manoel de Oliveira em entrevista à revista francesa *Cahiers du Cinéma* (novembro de 2013).

A produção de *O Velho do Restelo* vai contar com o apoio da Câmara Municipal do Porto, que esta terça-feira vai votar, em reunião do executivo, uma proposta do presidente Rui Moreira com esse fim. O facto de Manoel de Oliveira ser “um dos maiores vultos da Cultura do Porto”, de a ação do filme se passar na cidade e de, por essa razão, as filmagens ganharem “interesse municipal” justificam este protocolo de apoio técnico e logístico, que se estenderá também à isenção, a título excecional, do pagamento de taxas camarárias num valor que não poderá ultrapassar os 25 mil euros.

O orçamento de *O Velho do Restelo* não foi anunciado pela O Som e a Fúria, que também não divulgou ainda as entidades que vão patrocinar a produção da curta-metragem.

No elenco, vão estar atores que fazem parte da “trupe” habitual de Manoel de Oliveira: Luís Miguel Cintra, Ricardo Trepa, Diogo Dória, Mário Barroso..., além da anotadora Júlia Buisel e do diretor de fotografia francês Renato Berta.

O Velho do Restelo significará o regresso da cidade do Porto como cenário privilegiado do cinema de Oliveira, desde que, na viragem das décadas 1920/30, ainda no tempo do cinema mudo, aí rodou a sua primeira-obra, *Douro, Faina Fluvial*, estreada em 1931. Seguiram-se *Aniki-Bóbó* (1942), *O Pintor e a Cidade* (1956), *Visita – Memórias e Confissões* (1982, filme autobiográfico que permanece inédito), *Inquietude* (1998) e *Porto da Minha Infância* (2001).

<http://www.publico.pt/cultura/noticia/manoel-de-oliveira-filma-esta-semana-o-velho-do-restelo-1631373>
(acedido em junho de 2014).

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1. a 1.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1.1. *O Velho do Restelo* é uma curta-metragem que tem como cenário

- (A) a cidade natal de Manoel de Oliveira.
- (B) a vida e a carreira de Manoel de Oliveira.
- (C) Portugal e a sua História.
- (D) a crise que o país atualmente vive.

1.2. *O Velho do Restelo* baseia-se numa personagem de

- (A) O Som e a Fúria.
- (B) *O Gebo e a Sombra*.
- (C) *Os Lusíadas*.
- (D) Miguel de Cervantes, Teixeira de Pascoaes e Camilo Castelo Branco.

1.3. Os custos do novo filme de Manoel de Oliveira

- (A) vão ser decididos em reunião do executivo da Câmara Municipal do Porto.
- (B) não foram divulgados.
- (C) ultrapassam os 25 mil euros.
- (D) não ultrapassam os 25 mil euros.

1.4. Os atores escolhidos para *O Velho do Restelo*

- (A) fizeram parte de todos os filmes de Manoel de Oliveira.
- (B) são desconhecidos de Manoel de Oliveira.
- (C) participaram em filmes de Manoel de Oliveira.
- (D) são fãs de Manoel de Oliveira.

2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) O pronome “que” (linha 7) refere-se a “situação de crise”.
- (B) O pronome “(n)esta” (linha 9) refere-se a “Velho do Restelo”.
- (C) O pronome “que” (linha 22) refere-se a “orçamento de *O Velho do Restelo*”.
- (D) O pronome “que” (linha 24) refere-se a “atores”.

Parte B

Lê o texto que se segue. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

5
Ao partirem as naus para a viagem
Chorava toda a gente à despedida
Na praia do Restelo, e pela aragem
Veio uma voz que era na praia ouvida,
E que trazia ali uma mensagem
Que ninguém quis ouvir, nem de fugida.
Era um homem e então podiam vê-lo
A bradar¹ para todos no Restelo:

10
*Era um velho, d'aspeito² venerando³,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando⁴
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
C'um saber só d'experiências feito,
15 Tais palavras tirou do experto peito:*

20
*“– Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento⁵ gosto, que se atiça
C'ua aura⁶ popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!*

25
*A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente⁷?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
30 Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?*

35 *Oh, maldito o primeiro que, no mundo,*
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara⁸ sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!»

40 (O velho do Restelo não se cala,
 Apela à sensatez e à prudência:
 É um homem que sabe do que fala
 E faz ouvir a voz da experiência,
 45 Já muita gente veio a interpretá-la
 Como a defesa de uma desistência,
 Mas ele só previu nos seus lamentos
 O preço humano dos descobrimentos.)

Vasco Graça Moura, *Os Lusíadas para gente nova*. Lisboa, Gradiva, 2012, pp. 69-70.

Vocabulário:

¹ gritar, reclamar com brados; ² aspeto; ³ respeitável; ⁴ movendo a cabeça de um lado para o outro; ⁵ enganador; ⁶ boa aceitação; ⁷ superior, distinto; ⁸ espécie de lira (instrumento musical)

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

- 3. Situa a ação no tempo e no espaço, comprovando com dados textuais.**
- 4. Identifica as pessoas referidas no verso 2 que poderiam estar a chorar.**
- 5. Refere quatro traços caracterizadores do velho do Restelo.**
- 6. Relê o discurso do Velho do Restelo e sintetiza-o, não ultrapassando as 70 palavras.**
- 7. “Que promessas de reinos e de minas / D’ouro, que lhe farás tão facilmente? / Que famas lhe prometerás? Que histórias? / Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?”**
 - 7.1** Identifica o recurso expressivo presente nos versos destacados, explicitando o seu valor.
- 8. Explicita a razão de a última estrofe estar entre parênteses.**

Parte C

9. A propósito do texto da Parte B, O Rodrigo e a Mariana fizeram os seguintes comentários.

Rodrigo: Concordo plenamente com as palavras do Velho do Restelo. Os portugueses submeteram-se a muitos perigos, deixaram as suas famílias desamparadas e muitos morreram no mar.

Mariana: Para mim, não há obra sem sacrifício. Os portugueses do século XVI saíram para dar novos mundos ao mundo e conseguiram. Se tivessem ficado, Portugal não teria contribuído para os Descobrimentos, que foram tão importantes na história nacional e mundial.

Escreve um texto de opinião, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele com o qual concordas mais.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:

- indicação do comentário com o qual concordas mais;
- justificação da escolha.

GRUPO II

1. A seguinte lista de palavras inclui três conjunções coordenativas. Indica-as.

- (A) Aliás
- (B) Mas
- (C) Se
- (D) Embora
- (E) Pois
- (F) Logo
- (G) Enquanto
- (H) Como

2. Transcreve a oração coordenada copulativa que integra a frase complexa que se segue.

A Luísa não faz nem deixa fazer.

3. Indica o valor semântico do advérbio que integra a seguinte frase.

Assim que ouviu o seu nome, o Manuel reagiu mal.

4. Lê a seguinte frase.

Trarei os livros para aqui amanhã.

Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada por um pronome pessoal adequado.

5. Identifica a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada.

Os meninos garantiram ao autor que leram o livro na íntegra.

GRUPO III

Imagina que vais fazer uma viagem de barco pela primeira vez.

Após a realização da viagem, escreve uma página de um diário em que relates o que sentiste.

4

TESTE DE AVALIAÇÃO – PORTUGUÊS

SEQUÊNCIA 4

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ nº: _____ Turma: _____

GRUPO I

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

— Depressa, Luís. Glória foi comprar pão e Jandira está lendo na cadeira de balanço. Saímos nos espremendo pelo corredor. Fui ajudar ele a desaguar¹.

— Faz bastante que na rua ninguém pode fazer de dia.

Depois, no tanque, lavei o rosto dele. Fiz o mesmo e voltamos para o quarto.

Vesti ele sem fazer barulho. Calcei os seus sapatinhos. Porcaria esse negócio de meia, só serve para atrapalhar. Abotoei o seu terninho² azul e procurei o pente. Mas o cabelo dele não sentava. Precisava fazer alguma coisa. Não tinha nada em canto algum. Nem brilhantina, nem óleo. Fui na cozinha e voltei com um pouco de banha na ponta dos dedos. Esfreguei a banha na palma da mão e cheirei antes.

— Num fede³ nada.

Sapequei⁴ nos cabelos de Luís e comecei a penteá-los. Aí a cabeça dele ficou linda. Cheia de cachinhos que parecia um São João de carneirinho nas costas.

— Agora você fique em pé, aí, para não se amarrotar. Eu vou me vestir.

Enquanto enfiava as calças e a camisinha branca, olhava meu irmão.

— Como ele era lindo! Não havia ninguém mais bonito em Bangu.

Calcei os meus sapatinhos tênis que tinham que durar até quando eu fosse pra Escola, no outro ano. Continuei a olhar Luís.

Lindo como estava e arrumadinho, dava até para confundir com o Menino Jesus mais crescidinho. Aposto como ele vai ganhar presente pra burro. Quando olharem ele...

Estremeci. Glória acabara de voltar e colocava o pão sobre a mesa. O papel fazia aquele barulho nos dias que tinha pão.

Saímos de mãos dadas e nos postamos diante dela.

— Ele não está lindo, Godóia? Fui eu que arrumei.

Em vez de se zangar, ela se encostou na porta e olhou para cima. Quando abaixou a cabeça estava com os olhos cheios d'água.

— Você está lindo também. Oh! Zezé!...

Se ajoelhou e tomou minha cabeça contra o seu peito.

— Meu Deus! Por que a vida há de ser tão dura para uns?...

Conteve-se e começou a nos arrumar direitinho.

— Eu disse que não poderia levar vocês. Não posso mesmo, Zezé. Tenho tanto que fazer. Primeiro vamos tomar café enquanto penso alguma coisa. Mesmo que quisesse não dava tempo de eu me arrumar...

Botou a nossa canequinha de café e cortou o pão. Continuava a olhar aflitamente para nós dois.

— Tanta força para ganhar umas porcarias de uns brinquedos vagabundos. Também eles não podem dar coisa muito boa pra tanto pobre que existe.

Fez uma pausa e continuou:

— Talvez seja a única oportunidade. Não posso impedir que vocês vão... Mas, meu Deus, vocês são muito pequeninhos...

40 — Eu levo ele direitinho. Dou a mão o tempo todo, Godóia. Nem precisa atravessar a Rio-São Paulo.

— Mesmo assim é perigoso.

— Não é, não, e eu tenho senso⁵ de orientação.

Ela riu dentro da sua tristeza.

45 — Quem ensinou isso agora?

— Tio Edmundo. Ele disse que Luciano tinha, e se Luciano que é menor que eu tem, eu tenho mais...

— Vou falar com Jandira.

50 — É perder tempo. Ela deixa, sim. Jandira só vive lendo romance e pensando nos namorados. Nem se importa.

— Vamos fazer o seguinte: acabem com o café e nós vamos para o portão. Se passar gente conhecida que for para aquele lado, eu peço para acompanhar vocês.

Nem quis comer pão, para não demorar. Fomos para o portão.

55 Não passava ninguém, só o tempo. Mas acabou passando. Lá vinha seu Paixão, o carreiro. Cumprimentou Glória, tirou o quepe e se prontificou a nos acompanhar.

José Mauro de Vasconcelos, *Meu pé de laranja lima*. Lisboa, Dinapress, 2006, pp. 41 a 43.

Vocabulário:

¹ fazer as necessidades; ² indumentária composta por casaco, colete e calças; ³ cheirar mal; ⁴ colocar; ⁵ sentido

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações presentes no texto.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto.

Começa a sequência pela letra (C).

(A) O Narrador foi ajudar o seu irmão a fazer as necessidades.

(B) Glória disse aos irmãos que não podia acompanhá-los.

(C) O narrador disse ao Luís que as irmãs estavam ocupadas.

(D) O narrador preparou o irmão, vestindo-o.

(E) O narrador vestiu-se.

(F) Os irmãos foram para o portão.

(G) O narrador disse à irmã que tomaria conta de Luís.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. O narrador é

- (A) Luís.
- (B) Glória.
- (C) uma entidade não participante.
- (D) Zezé.

2.2. Neste excerto, são referidas

- (A) quatro personagens: Luís, Zezé, Glória e o Sr. Paixão.
- (B) quatro personagens: Luís, Zezé, Glória e São João.
- (C) seis personagens: Luís, Zezé, Glória, Jandira, Tio Edmundo e Sr. Paixão.
- (D) seis personagens: Luís, Zezé, Glória, Gódoia, Jandira e Sr. Paixão.

2.3. Os cabelos de Luís foram penteados

- (A) com banha.
- (B) com brilhantina.
- (C) com óleo.
- (D) com manteiga.

2.4. Jandira não se preocupa com os rapazes porque

- (A) vivia sentada numa cadeira de balanço.
- (B) só queria ler romances.
- (C) não tinha sentido de orientação.
- (D) era muito nova.

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) O pronome “o mesmo” (linha 4) refere-se a “lavei o rosto”.
- (B) O pronome “o mesmo” (linha 4) refere-se a “lavei o rosto dele”.
- (C) O pronome “o mesmo” (linha 4) refere-se a “voltamos para o quarto”.
- (D) O pronome “o mesmo” (linha 4) refere-se a “no tanque”.

4. Os rapazes preparam-se com todo o cuidado.

4.1. Comprova-o com expressões do texto.

4.2. Refere o objetivo destes preparativos.

5. O texto dá indicações sobre a condição económica da família.

5.1. Descreve-a, comprovando a tua resposta com elementos retirados do texto.

6. Os rapazes estão prontos para ir sozinhos.

6.1. Apresenta uma razão para ninguém os acompanhar.

6.2. Explica como resolvem as personagens a situação.

7. Seleciona, de entre as duas expressões seguintes, aquela que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do texto.

- A felicidade da infância.
- As dificuldades.

Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

GRUPO II

1. Identifica as marcas de português do Brasil no excerto que se segue:

— Depressa, Luís. Glória foi comprar pão e Jandira está lendo na cadeira de balanço. Saímos nos espremendo pelo corredor. Fui ajudar ele a desaguar.

— Faz bastante que na rua ninguém pode fazer de dia.

Depois, no tanque, lavei o rosto dele. Fiz o mesmo e voltamos para o quarto.

5 Vesti ele sem fazer barulho. Calcei os seus sapatinhos. Porcaria esse negócio de meia, só serve para atrapalhar. Abotoei o seu terninho azul e procurei o pente. Mas o cabelo dele não sentava. Precisava fazer alguma coisa. Não tinha nada em canto algum. Nem brilhantina, nem óleo. Fui na cozinha e voltei com um pouco de banha na ponta dos dedos. Esfreguei a banha na palma da mão e cheirei antes.

José Mauro de Vasconcelos, *ob. cit.*

2. Reescreve as frases seguintes, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado.

Faz apenas as alterações necessárias.

- a) Glória comprará pão.
- b) O rapaz não penteou o irmão.
- c) A irmã já tinha dado pão aos rapazes.

3. Estabelece uma ligação entre a coluna A e a coluna B, de modo a indicares a classe a que pertencem as palavras sublinhadas.

Coluna A	Coluna B
(A) Os rapazes estavam <u>tão</u> felizes <u>que</u> sorriam.	1 locução conjuncional subordinativa final
(B) Os rapazes estavam bonitos, <u>dado que</u> tinham roupas novas.	2 conjunção subordinativa final
(C) <u>Embora</u> Zezé tenha ido rapidamente para o portão, a companhia demorou a aparecer.	3 locução conjuncional subordinativa consecutiva
(D) Eles vestiram-se alegremente no quarto <u>depois de</u> a mãe chegar.	4 conjunção subordinativa concessiva
(E) Eles vão hoje à atividade <u>para</u> receber presentes.	5 locução conjuncional subordinativa causal
(F) Felizmente, não vão sozinhos <u>como</u> outras crianças.	6 locução conjuncional subordinativa temporal
	7 conjunção subordinativa comparativa

GRUPO III

Os rapazes saíram ao encontro do seu objetivo, pois acreditavam que teriam direito a um brinquedo.

Apresenta um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal local, em que defendas a importância dos brinquedos na infância.

5

TESTE DE AVALIAÇÃO – PORTUGUÊS

SEQUÊNCIA 5

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ nº: _____ Turma: _____

GRUPO I – Parte A

Lê o seguinte texto.

E se a culpa de termos menos bebés fosse do ar?

Um estudo publicado por uma aluna de doutoramento da Universidade de Coimbra revelou que a exposição a poluentes ambientais com que convivemos diariamente, mesmo que em pequenas concentrações, pode provocar infertilidade masculina.

5 Todos sabemos que o ambiente tem poluentes, que estamos constantemente em contacto com eles mas não fazemos por vezes ideia do que nos podem provocar. E se vos dissesse que pode estar no ambiente em que vivemos todos os dias uma das razões da infertilidade masculina? Preocupante?

Um estudo publicado por uma aluna de doutoramento da Universidade de Coimbra revelou que a exposição a poluentes ambientais com que convivemos diariamente, mesmo
10 que em pequenas concentrações, pode provocar infertilidade masculina.

É isto mesmo: os espermatozoides estão a ser afetados pelo ambiente a que os homens estão sujeitos, ficando assim com danos!

O estudo expõe espermatozoides humanos ao pesticida DDE (produto da degradação do DDT [Dicloro-Difenil-Tricloroetano]), pela primeira vez em concentrações semelhantes
15 às encontradas no ambiente. “Apesar de já não ser permitida a utilização [do DDT], este é ainda usado em alguns países para combater o mosquito que transmite a malária, persistindo assim no ambiente, bem como o DDE”, explicou a doutoranda Renata Tavares.

A verdade é que estamos cada vez mais sujeitos a estas substâncias, e sabe-se que a
20 qualidade do sêmen tem vindo a diminuir desde há cerca de 60 anos — o que, se bem se lembram, corresponde ao período de grande desenvolvimento industrial. Este não é tempo suficiente para ter origem em fatores genéticos, sendo que os fatores ambientais poderão estar na base do problema.

E como é que isto acontece? Estas substâncias vão provocar alterações hormonais no organismo e perturbam a comunicação intracelular. Como resultado, a atividade do
25 espermatozoide é afetada, pois este “começa a tentar fertilizar sem ter chegado ao ovócito, levando à sua morte”.

Normal? Não, de todo. Mas na verdade poderemos continuar a ler estas notícias e a não nos preocuparmos, afinal que podemos nós fazer se a culpa é do ar que respiramos? A questão é mesmo essa, o ar que respiramos, o ambiente a que estamos sujeitos, somos
30 nós que o fazemos, para bem e para o mal. Torna-se assim urgente alterar hábitos, criar condições nos países industrializados, para que estes problemas sejam resolvidos.

Afinal, o ar é de todos... e, quem sabe um dia, todos podemos querer ter um bebé.

Rita Almeida Alves, in <http://p3.publico.pt/actualidade/ciencia>
(acedido em abril de 2014, adaptado).

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações presentes no texto.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto.

Começa a sequência pela letra (B).

- (A) Os espermatozoides humanos foram expostos a um pesticida que existe no meio ambiente para a realização de um estudo científico.
- (B) As pessoas ignoram os efeitos dos contactos com os elementos poluentes.
- (C) Há que adotar medidas para melhorar a qualidade do ar.
- (D) Como consequência de fatores ambientais, os espermatozoides alteram o seu comportamento habitual.
- (E) A causa da degradação do ambiente encontra-se nas nossas atitudes.
- (F) Uma investigação revelou que a infertilidade masculina pode advir do contacto com elementos poluentes no ambiente.
- (G) A degradação da qualidade dos espermatozoides corresponde ao período de grande desenvolvimento industrial.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. Segundo os resultados do estudo de Renata Tavares, a infertilidade masculina

- (A) deve-se à poluição ambiental.
- (B) pode dever-se à poluição ambiental.
- (C) não se deve à poluição ambiental.
- (D) pode provocar poluição ambiental.

2.2. As pessoas

- (A) sabem que o meio ambiente tem poluentes mas desconhecem os seus efeitos.
- (B) sabem que o meio ambiente tem poluentes e conhecem os seus efeitos.
- (C) não sabem que o meio ambiente tem poluentes e desconhecem os seus efeitos.
- (D) não sabem que o meio ambiente tem poluentes mas conhecem os seus efeitos.

2.3. A utilização dos dois pontos (linha 11) indica que

- (A) se apresentará uma causa do que foi dito.
- (B) se apresentará uma consequência do que foi dito.
- (C) se apresentará uma explicação do que foi dito.
- (D) se apresentará uma enumeração.

2.4. O DDT existe no ambiente porque

- (A) ainda é utilizado em alguns países.
- (B) se deve ao mosquito da malária.
- (C) advém da malária.
- (D) já não é permitido.

3. Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- (A) O pronome “que” (linha 2) refere-se a “poluentes ambientais”.
- (B) O pronome “eles” (linha 5) refere-se a “poluentes”.
- (C) O determinante “sua” (linha 26) refere-se a “ovócito”.
- (D) O pronome “este” (linha 15) refere-se a “DDT”.

Parte B

Lê o texto que se segue.

Entra a MÃE, a VANESSA levanta-se e a MÃE senta-se pesadamente no sofá. A MÃE suspira, acende a televisão. Ficam os três sentados a olhar para o ecrã.

5 VANESSA Olha só como tu te chateias, ó Mãe. Olha-me o que é a tua vida: levantas-te de manhã cedo com os olhos todos inchados e vais a correr vomitar, depois fazes o leite e o pão para mim e para o Rodrigo, e o café para o pai, sempre aos ais, e vais a correr vomitar, depois vais tomar banho a correr para nos ires pôr à escola e fazer as compras para o almoço e quando chegas a casa...

MÃE Vou a correr vomitar, já sei...

10 VANESSA Sentas-te a ver televisão sempre aos ais e compras tudo o que te põem à frente do nariz e depois lavas e secas a loiça do pequeno-almoço e cozinhas o almoço e o cheiro enjoa-te e vais a correr vomitar...

MÃE (*levantando-se*) Cala-te, Vanessa, que me estás a agoniar com a conversa. Mas o que é que tu queres afinal? Se me ajudasses mais eu já não andava tão cansada!

15 VANESSA Porque é que me pedes a mim e não pedes ao Rodrigo? É por eu ser rapariga como tu que me obrigas a fazer as coisas mais chatas que há? Que é para eu crescer e andar sempre cansada e aos ais como tu?

MÃE Vanessa Carina, tu não falas assim comigo! Tens de saber fazer as coisas da casa e aprender a portar-te como uma menina, senão...

VANESSA Os rapazes não gostam de mim, já sei.

20

A Mãe sai.

25

RODRIGO Já pensaste bem que é o Pai que tem de andar todo o dia a trabalhar na loja a ganhar dinheiro para nós? Já pensaste que é ele que chega sempre a casa de noite, cansado e farto de aturar os clientes? Tens é sorte de ser rapariga. Não tens nada que fazer, só umas coisitas aqui e ali. Porque é que estás sempre a chatear a Mãe? Pensas que ser rapaz é que é fixe? Pensas que eu também não gostava que deixassem de me chatear com o que é ser homem e não ser homem?

A VANESSA levanta-se e, cheia de compaixão, dá a Barbie ao RODRIGO que fica todo comovido. Depois abraça-o.

Luísa Costa Gomes, *Vanessa vai à luta*, Lisboa, Cotovia, 1999, pp. 103-104.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

- 4. Identifica a função da didascália que abre o texto.**
- 5. Apresenta três adjetivos que caracterizem a vida da mãe, a partir da descrição feita por Vanessa.**
- 6. Justifica a revolta que Vanessa sente perante a vida da mãe.**
- 7. Na tua opinião, na família de Vanessa apenas as mulheres sofrem as consequências do tipo de educação a que são sujeitas? Justifica a tua resposta.**

Parte C

- 8. A propósito do texto da Parte B, duas alunas enviaram os comentários seguintes para um blogue sobre educação.**

Maria: Vanessa discute com a mãe porque julga que a educação de rapazes e raparigas não deve ter qualquer diferença.

Joana: Vanessa discute com a mãe porque julga que a educação de rapazes e raparigas deve ser adequada às especificidades de cada género.

Escreve um texto de opinião, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele que te parece mais adequado ao texto da Parte B.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:

- indicação do comentário que, na tua opinião, justifica melhor a atitude de Vanessa e justificação da tua escolha através da referência a duas opiniões da personagem;
- indicação de uma situação que ilustre as opiniões referidas;
- apreciação da opinião da personagem, referindo se estás ou não de acordo com ela e a justificação do teu ponto de vista.

GRUPO II

1. Completa as frases que se seguem com uma oração subordinativa substantiva completiva.

- a) Vanessa pensa...
- b) A mãe afirma...

2. Completa as frases conjugando os verbos apresentados entre parênteses no tempo adequado.

- a) As mulheres devem seguir os seus próprios ideais e não se devem submeter ao que os outros _____ (crer) adequado.
- b) Ontem, Rodrigo disse aos pais que _____ (oferecer) a metralhadora a Vanessa porque esta _____ (querer) brincar com ela.

2.1. Indica o tempo e o modo em que se encontram os verbos que conjugaste.

3. Reescreve as frases seguintes, substituindo o grupo de palavras sublinhado por um pronome. Procede às alterações necessárias na frase.

- a) O Rodrigo fez uma promessa à irmã.
- b) A mãe faz o pequeno-almoço aos filhos.
- c) Um dia, Vanessa comprará aqueles bonecos.

4. Reescreve em discurso indireto a fala de Vanessa.

VANESSA Ó mãe, hoje vou ajudar-te nas lides domésticas, para que depois venhas ver comigo o futebol, sentada ao meu lado aqui no sofá.

GRUPO III

No texto, Vanessa discute com a mãe. O que terá acontecido depois?

Produz um texto dramático onde presentes a continuação desta situação e que inclua didascálias, um aparte e diálogo e que respeite as regras de apresentação deste tipo de texto.

6

TESTE DE AVALIAÇÃO – PORTUGUÊS

SEQUÊNCIA 6

Escola: _____ Ano letivo: _____

Nome: _____ nº: _____ Turma: _____

GRUPO I – Parte A

Lê o texto.

Festa de cor e batalha de pétalas invadem Barcelos

Um dos momentos mais importantes das celebrações das Cruzes é a Procissão da Invenção da Santa Cruz, dia 3 de maio.

Barcelos vai estar em festa. No dia 1 de maio, as principais ruas da cidade vão ser preenchidas com muita cor, numa batalha onde a única arma são as plantas. A Batalha das Flores volta à cidade e conta com a participação de mais de mil pessoas, 23 associações e 750 sacos de pétalas que vão transformar as ruas num verdadeiro tapete colorido.

A Festa das Cruzes é a primeira romaria de matriz religiosa e popular no calendário do Minho, dando início a uma época de celebrações que percorrerá toda a região pelo verão adentro. Incluída no programa está a Batalha das Flores, realizada “desde sempre” e que, de acordo com a vereadora do pelouro da cultura da Câmara Municipal de Barcelos, se trata de “uma forma de celebrar a primavera”.

Maria Elisa Braga explica ao *Público* que a Festa das Cruzes, com o seu leque de eventos, acaba por aliar “o sagrado ao profano”, através da Procissão da Invenção da Santa Cruz, no dia 3 de maio – feriado municipal em Barcelos – e a Batalha das Flores.

Este ano, a luta de flores conta com a participação de 23 associações de diversas freguesias de Barcelos, o maior número que alguma vez fez parte das festividades. Maria Elisa explica que esta atividade, entre muitas outras, representa “a relação extremamente próxima do município com as associações”, o que é “muito gratificante”, uma vez que a Batalha das Flores permite que seja demonstrada “a tradição e a identidade cultural de cada freguesia a participar e do município em geral”. A vereadora da cultura reforça também o “enorme trabalho de equipa” desenvolvido dentro das associações, que levam também os grupos de folclore das freguesias, outro elemento de identidade do concelho.

Este conceito festivo existe, com a designação de Batalha das Flores, “já desde o início do século xx”, tendo surgido inicialmente como uma parada agrícola. Maria Elisa conta que tudo começou com os agricultores, que traziam as flores dos campos e aliavam “a sua atividade laboral à celebração da primavera”. Hoje em dia é essencialmente “uma celebração simbólica” muito acarinhada pela população.

No dia 1 de maio, milhares de pessoas poderão assistir ao desfile dos carros alegóricos dos participantes, vestidos a rigor e de pétalas em punho. A Associação Social Cultural e Recreativa de Chorente vai participar pela primeira vez e “espera estar à altura do desafio”. A presidente da direção, Júlia Ferreira, explica que decidiram entrar nas Festas por

considerarem que estas são “muito importantes no concelho”. Para além disso, as associações não têm encargos uma vez que a Câmara de Barcelos ajuda financeiramente com as despesas do cortejo.

35

Júlia Ferreira diz que os voluntários já trataram da realização dos fatos para que no dia 1 de maio todos estejam vestidos de igual e prontos a celebrar. A responsável pela cultura da cidade refere que os preparativos estão a germinar e as flores já estão a ser recolhidas, para posteriormente “serem transformadas em pétalas”, as verdadeiras armas da festividade.

SARA GERIVAZ in <http://www.publico.pt/local/noticia/> (acedido em 30/04/2014).

1. As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações presentes no texto.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto.

Termina a sequência na letra (A).

- (A) As pétalas para a festa já estão a ser recolhidas.
- (B) A Batalha das Flores conta, neste ano, com a colaboração do maior número de associações desde sempre.
- (C) Atualmente, a população aprecia imenso a festa da Batalha das Flores.
- (D) Os participantes na Batalha das Flores virão vestidos de forma igual e trarão pétalas para o evento.
- (E) A Batalha das Flores associa-se à celebração da primavera.
- (F) As primeiras manifestações da Batalha das Flores tiveram lugar no início do século xx.
- (G) A Festa das Cruzes dá início a uma série de celebrações que se realizam no Minho, durante o verão.

2. Seleciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. A Batalha das Flores tem lugar, em Barcelos,

- (A) no decurso de uma romaria religiosa.
- (B) para celebrar uma batalha.
- (C) pela primeira vez.
- (D) à semelhança do que aconteceu noutras alturas.

2.2. A Festa das Cruzes alia “o sagrado ao profano” porque

- (A) é uma festa popular.
- (B) engloba uma celebração religiosa e uma celebração popular.
- (C) ocorre no feriado municipal de Barcelos.
- (D) durante a procissão tem lugar a Batalha das Flores.

2.3. A Batalha das Flores foi inicialmente promovida por agricultores como forma de

- (A) celebrar o nascimento das flores nos campos.
- (B) chamar a atenção para a sua atividade.
- (C) aliar a chegada da primavera ao nascimento das flores.
- (D) celebrar, em simultâneo, a chegada da primavera e a própria agricultura.

2.4. A utilização das aspas na expressão “serem transformados em pétalas” (linha 38) serve para

- (A) destacar uma metáfora.
- (B) realçar a expressão.
- (C) assinalar uma citação.
- (D) embelezar o texto.

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- (A) O advérbio “onde” (linha 4) refere-se a “principais ruas da cidade”.
- (B) O pronome “que” (linha 6) refere-se a “750 sacos de pétala”.
- (C) O pronome “que” (linha 8) refere-se a “uma época de celebrações”.
- (D) O pronome “que” (linha 10) refere-se a “Batalha das Flores”.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Rosa sem Espinhos

Para todos tens carinhos,
A ninguém mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, que não te entendo, flor!

Se a borboleta vaidosa
A desdém te vai beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
É sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tão modesta em seu zumbir,
Te diz: “Ó rosa vermelha,
Bem me podes acudir:

Deixa do cálix¹ divino
Uma gota só libar²...
Deixa, é néctar peregrino,
Mel que eu não sei fabricar..."

Tu de lástima rendida,
De maldita compaixão,
Tu à súplica atrevida
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor!
És rosa e não tens espinhos!
Ai!, que não te entendo, flor.

Almeida Garrett, in *Folhas Caídas*.

Vocabulário:

¹ cálix: o mesmo que cálice;

² libar: beber

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. O sujeito lírico afirma “Para todos tens carinhos, / A ninguém mostras rigor!”

- 4.1. Apresenta um exemplo do poema que confirme esta ideia.
- 4.2. Identifica, no poema, uma expressão que seja sinónima da afirmação produzida pelo sujeito lírico.

5. O sujeito lírico expressa o seu sentimento face à atitude da rosa.

- 5.1. Apresenta-o e justifica-o.

6. Na estrofe final, o sujeito lírico conclui a descrição da rosa com um recurso expressivo.

- 6.1. Identifica-o.
- 6.2. Analisa a sua expressividade.

7. Assinala a expressão que melhor sintetiza o assunto do poema e justifica a tua opção, num texto de 70 a 120 palavras.

- a) O poeta, que aprecia imenso as rosas, critica uma rosa em particular que se comporta de forma diferente.
- b) O poeta dirige-se a uma mulher, que é apresentada metaforicamente como uma rosa sem espinhos e cujo comportamento é criticado.

GRUPO II

1. Transforma cada uma das frases simples numa complexa. Utiliza as conjunções das sub-classes indicadas entre parênteses.

- a) A rosa ofereceu o seu néctar.

A abelha pediu ajuda.

(conjunção subordinativa causal)

- b) A rosa tem espinhos.

Os animais têm receio dela.

(conjunção subordinativa condicional)

- c) A rosa devia seguir os conselhos dados.

A rosa não saber negar um pedido.

(conjunção coordenativa adversativa)

2. Classifica a oração sublinhada na frase seguinte.

A rosa assegurou à abelha que lhe forneceria o precioso néctar.

3. Reescreve na passiva a seguinte frase.

O poeta, no poema, acusara a rosa de falta de espinhos.

4. Escreve três frases em que a palavra *cabeça* tenha sentidos diferentes.

5. Indica a função sintática do constituinte *rosa estranha* em cada uma das frases.

- a) A mulher é, para o sujeito poético, uma rosa estranha.

- b) Ó rosa estranha, acedes a todos os pedidos.

GRUPO III

A entreatajuda e o espírito solidário parecem cada vez mais necessários no nosso quotidiano.

Produz um texto de opinião, adequado a um jornal escolar, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que expresses a tua opinião acerca da responsabilidade de cada ser humano relativamente aos outros, apelando a uma mudança de comportamentos.

PROPOSTAS DE RESOLUÇÃO DOS TESTES DE AVALIAÇÃO

Teste de avaliação nº 1

:: GRUPO I – Parte A

1. (B), (D), (F), (A), (C), (G), (E)

2.1. (B)

2.2. (D)

2.3. (C)

2.4. (A)

3. (A)

Parte B

4. O roteiro tem como objetivo indicar um itinerário de viagem pela cidade de Lisboa, desde a zona do Carmo ao Castelo de São Jorge, dando ainda a conhecer pormenores sobre vários pontos de interesse. Destina-se a turistas e a todos os que pretendam viajar por Lisboa.

5. O texto pode dividir-se em sete partes, correspondendo cada uma a um parágrafo. Os títulos sugeridos são “Lisboa, a cidade branca” (1º parágrafo); “A zona do Carmo” (2º parágrafo); “Um passeio de Elétrico pelos Bairros Típicos de Lisboa” (3º parágrafo); “O Elevador de Santa Justa” (4º parágrafo); “A Sé Catedral” (5º parágrafo); “Os miradouros” (6º parágrafo); “Castelo de São Jorge” (7º parágrafo).

6.1. A afirmação significa que o elétrico está bem vivo na cidade de Lisboa, constituindo uma imagem de referência nos itinerários a realizar pelas ruas. Contudo, é um meio de transporte antigo, logo faz parte da tradição.

7. Os três aspetos são a sua importância histórica (foi no Castelo de São Jorge que a história de Lisboa começou), a sua importância cultural e a existência de miradouros especiais.

:: GRUPO II

1. (D)

2. (C)

3. (C)

4. Todos os alunos se esqueceram de levar o roteiro que lhes foi dado ontem.

Teste de avaliação nº 2

:: GRUPO I – Parte A

1. (D), (E), (A), (B), (F), (C)

2.1 (A)

2.2 (C)

2.3 (A)

2.4 (D)

3. (C)

Parte B

4. A criança que se interessou pelo homem é uma criança pálida, sossegada, dominada pela mãe. Como estava enfastiada, foi fácil reparar no homem, a quem achou graça.

5. O narrador, ao transcrever o pensamento da mãe, tem a intenção de revelar o conflito interior sentido por ela. Por um lado, ela quer que a filha seja contida em público, mas, por outro lado, sente que lhe deve dar maior liberdade.

6. Os passageiros só se riram após o homem ter saído do autocarro porque procuraram manter a compostura que entendem ser a mais correta em sociedade, evitando a todo o custo viver um momento de descontração e de simplicidade como ele.

7. O narrador, no último parágrafo do texto, critica uma sociedade que quer manter a todo o custo uma postura de “silêncio” e de “dignidade”, ou seja, de contenção, que entende como correta, recusando a espontaneidade e a liberdade próprias da infância, que são aspetos que tornam as pessoas mais felizes.

1.3. (B)

1.4. (C)

2. (C)

:: GRUPO II

1. (A) – advérbio de negação; (B) – pronome pessoal; (C) – nome comum; (D) – determinantes possessivos.
2. (A) – 7; (B) – 2; (C) – 8; (D) – 3; (E) – 6
3. A senhora nova e bonita, que era mãe de Nini, não antipatizava com o homem.
4. (A)
5. Ele é voz da verdade. / A mulher tem uma voz estridente. / Vamos debater as nossas ideias de viva voz.

:: GRUPO III

Os seres humanos procuram relacionar-se uns com os outros, de várias formas, começando esse relacionamento na família e passando pela escola. Assim, são vários os tipos de relações que se verificam numa sociedade civil, os quais dependem de múltiplos fatores culturais.

Dentro de cada sociedade, existem muitas situações de solidariedade, de conflito e muitas diferenças.

Teste de avaliação nº 3

:: GRUPO I – Parte A

1.1. (A)

1.2. (C)

Parte B

3. A ação situa-se na praia do Restelo (“Na praia do Restelo”, v. 3), no dia em que os nautas partiam para a Índia (“Ao partirem as naus para a viagem”, v. 1).
4. As pessoas que poderiam estar a chorar eram os nautas, os seus familiares e todas as pessoas que foram até à praia para se despedirem dos que estavam de partida para a Índia.
5. O velho do Restelo era um homem experiente, com uma aspeto respeitável, infeliz por ver os nautas partirem para o desconhecido, o que revelou a todos os que se encontravam na praia do Restelo com uma voz pesada.
6. O velho do Restelo dirige-se à Fama e à honra para as culpabilizar das mortes, dos perigos, das tormentas e das crueldades a que os nautas estão condenados. Pergunta-lhes quais os desastres, perigos e mortes lhes reservam, que famas e vitórias lhes prometeram. Por fim, critica o primeiro que pôs um barco no mar e deseja que nunca seja conhecido.
- 7.1 Enumeração, com a função de evidenciar que os portugueses foram iludidos pela Fama e pela honra com uma série de promessas enganaadoras.
8. A última estrofe está entre parênteses porque tem a função de explicar aos leitores a intenção das palavras do velho do Restelo, interpretadas por muitos como “defesa de uma desistência” mas que, no fundo, apenas previram o preço alto a pagar pelas descobertas marítimas.

Parte C

9. Tópico 1: Seleção do comentário mais pertinente;

Tópico 2: justificação:

Proposta: comentário do Rodrigo: o Velho do Restelo tinha toda a razão porque a ambição de dar novos mundos ao mundo trouxe muitas desgraças, levou mães e esposas ao sofrimento e matou muitos marinheiros; a Fama pode não trazer realização e felicidade...

Comentário da Mariana: Portugal deu-se a conhecer porque participou na empresa dos descobrimentos; os portugueses que partiram tornaram-se heróis e, por isso, símbolo da coragem, da força física e intelectual; Portugal contribuiu para o avanço científico do mundo; só se consegue fazer obra com sacrifício...

:: GRUPO II

1. (B) mas; (E) pois; (F) logo
2. “nem deixa fazer”
3. Mal – advérbio com valor semântico de modo
4. Trá-los-ei para aqui amanhã.
5. Complemento indireto

Teste de avaliação nº 4

:: GRUPO I

1. (C), (A), (D), (E), (B), (G), (F)
- 2.1. (D)
- 2.2. (C)
- 2.3. (A)
- 2.4 (B)
3. (A)

- 4.1. Os rapazes lavaram-se (“lavei o rosto dele. Fiz o mesmo”), vestiram fatos bonitos (“Abotoei o seu terninho azul”, “enfiava as calças e a camisinha branca”), calçaram-se (“Calcei os seus sapatinhos”, “Porcaria esse negócio de meia, só serve para atrapalhar”, “Calcei os meus sapatinhos tênis”) e pentearam-se muito bem (“Sapequei nos cabelos de Luís e comecei a penteá-los.”)

- 4.2. Os rapazes vestem-se de forma festiva porque vão receber presentes.

- 5.1. A família era bastante pobre. No texto, surgem algumas indicações desta situação: os sapatos de Zezé teriam de durar bastante tempo, nem sempre existia pão em casa (“nos dias que tinha pão”). Glória também reitera esta situação quando afirma “Por que a vida há de ser tão dura para uns?” ou quando refere que os irmãos vão receber uns “brinquedos vagabundos”, mas que não poderia ser de outra forma, dado o número elevado de pobres que existia.

- 6.1. Ninguém os acompanha, porque a irmã Glória tem muito trabalho e já não teria tempo de se preparar e Jandira está muito ocupada com as suas leituras e com os seus namorados.

- 6.2. Glória vai com eles até ao portão e esperam que apareça alguém que os possa acompanhar. Quando surge o Sr. Paixão, o carteiro, este oferece-se para acompanhar os jovens.

7. Primeira opção: O texto apresenta a felicidade das crianças, que, apesar de viverem uma vida de pobreza, se sentem felizes por poder ir buscar brinquedos.

Segunda opção: O texto destaca as dificuldades de uma família brasileira pobre, que não tem dinheiro para a comida ou para os brinquedos das crianças.

:: GRUPO II

1. Utilização do gerúndio: “Jandira está lendo”; colocação do pronome átono antes do verbo: “nos espremendo”; utilização do pronome *ele* em lugar de *-o*: “Vesti ele”; vocabulário específico

“terninho”; regência verbal particular: “fui na cozinha”.

2. **a)** Glória comprá-lo-á.
b) O rapaz não o penteou.
c) A irmã já lhes tinha dado pão.

2. (A) – 3; (B) – 5; (C) – 4; (D) – 6; (E) – 2; (F) – 7

Teste de avaliação nº 5

:: GRUPO I – Parte A

1. (B), (F), (A), (G), (D), (E), (C)

2.1. (B)

2.2. (A)

2.3. (C)

2.4. (A)

3. (C)

Parte B

4. A didascália permite caracterizar a mãe de Vanessa e também localizar a ação no espaço.
5. Sugestão: repetitiva, agitada, previsível.
6. Vanessa considera que os afazeres e as obrigações da mãe se devem ao facto de ela ser mulher. Ora, como Vanessa não deseja uma educação de mulher, revolta-se contra o tipo de vida a que se submete a mãe.
7. Não, porque o irmão de Vanessa também se lamenta pelo facto de se ter de comportar como um homem. Sente também o peso da responsabilidade pelo facto de sentir que terá de assegurar a subsistência da família, função que o homem deverá assegurar.

Parte C

8. Tópico 1: Seleção do comentário da aluna Maria; crítica da vida levada pela mãe; crítica à atitude da mãe, que só lhe pede ajuda a ela, esquecendo o irmão.

Tópico 2: Vanessa refere a vida de doméstica da mãe, que cozinha para os filhos, os leva à escola, faz compras, pretendendo que Vanessa aja como ela.

Tópico 3: Estou de acordo com a Vanessa, porque rapazes e raparigas devem ter o mesmo tipo de educação, tendo os mesmos direitos e deveres em casa;

ou Não concordo com a Vanessa porque entre raparigas e rapazes existem diferenças de género que devem corresponder a diferentes tipos de educação, o que não significa que rapazes e raparigas não devam ajudar nas lides domésticas.

:: GRUPO II

1. **a)** ... que as raparigas são exploradas.

b) ... que se sente cansada.

2. **a)** creem; **b)** oferecera, queria

2.1. creem: presente do indicativo, oferecera: pretérito mais-que-perfeito do indicativo, queria: imperfeito do indicativo

3. **a)** fê-la; **b)** fá-lo; **c)** comprá-los-á

4. Vanessa disse à mãe que naquele dia ia ajudá-la nas lides domésticas, para que depois a mãe viesse ver o futebol com ela, sentada ao seu lado ali no sofá.

Teste de avaliação nº 6

:: GRUPO I – Parte A

1. (G), (E), (B), (F), (C), (D), (A)

2.1. (D)

2.2. (B)

2.3. (D)

2.4. (C)

3. (A)

Parte B

4.1. A rosa é carinhosa para todos, inclusive para a abelha que lhe pede o seu néctar.

4.2. Por exemplo, “És rosa e não tens espinhos!”.

5.1. O sujeito lírico expressa um sentimento de incompreensão face à atitude da rosa, porque seria de esperar que uma rosa também fizesse uso dos seus espinhos. Porém, esta é uma rosa sem espinhos.

6.1. A antítese presente em “Tanta lástima e carinhos, / Tanto dó, nenhum rigor!” e em “És rosa e não tens espinhos!”.

6.2. A antítese coloca em evidência a atitude inesperada da rosa, que apenas mostra carinho e bondade e nenhum rigor, o que contrasta com o que seria de esperar de uma rosa “com espinhos”. Daí o sujeito lírico concluir que se trata de uma rosa sem espinhos, o que, de novo, realça o contraste que se pretende explorar.

7. Tópicos: A expressão correta é a **b)**; o poema é uma metáfora, através da qual o sujeito poético se dirige à mulher; neste poema, o sujeito poético exprime a sua incompreensão face ao comportamento da mulher.

:: GRUPO II

1. **a)** A rosa ofereceu o seu néctar porque a abelha pediu ajuda.

b) Se a rosa tem espinhos, os animais têm receio dela.

c) A rosa devia seguir os conselhos dados, mas ela não sabe negar um pedido.

2. Trata-se de uma oração subordinada substantiva completiva.

3. No poema, a rosa fora acusada de falta de espinho pelo poeta.

4. Dói-me a cabeça. / Ele perdeu a cabeça. / Ele é cabeça de cartaz.

5. **a)** predicativo do sujeito

b) vocativo



TRANSCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS ÁUDIO

SEQUÊNCIA 0 – p. 20

Biobibliografia de Pitágoras

Vida

Filósofo grego do século VI a.C.; nasceu em Samos.

Diz-se que foi discípulo de Ferécides.

Deixou na Jônia a reputação de homem sabedor e universalmente informado.

A parte historicamente importante da vida de Pitágoras começa na sua emigração para Crotona, colônia dórica na Itália meridional, cerca do ano 529.

Segundo a tradição, foi a tirania de Polícrates que o levou a sair de Samos.

Em Crotona tornou-se o centro de uma vasta organização.

Esta organização era, na sua origem, uma confraria religiosa, ou associação para reforma moral da sociedade, mais do que uma escola filosófica, sendo só na segunda geração pitagórica que a corrente científica apareceu.

Não é possível determinar, no conjunto de doutrinas que surgiram dentro da seita, ou ordem religiosa, o que constituiu contribuição pessoal de Pitágoras, sendo que Aristóteles se referia aos “chamados pitagóricos”.

Diz assim Aristóteles que os pitagóricos “se aplicaram ao estudo da Matemática, sendo os primeiros que fizeram progredir esta ciência; de maneira que, havendo sido educados nela, pensaram que os seus princípios deveriam ser os de todas as coisas existentes”.

Obra

A maior descoberta de Pitágoras foi talvez a da conexão entre os intervalos musicais e certas relações aritméticas entre os comprimentos das cordas sonoras à mesma tensão.

A sua teoria conservava os números, não como relações que descobrimos nas coisas, mas como constituindo realmente a sua essência ou substância. Assim, os números eram as primeiras coisas da Natureza e os elementos dos números eram os elementos das coisas.

A tábua da multiplicação foi atribuída a Pitágoras.

A tradição associa também com o nome de Pitágoras o teorema sobre o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo, assim como a

descoberta de que no caso do triângulo retângulo isósceles a relação entre a hipotenusa e os catetos dá um número “irracional”, isto é, cujo valor não pode ser exatamente expresso por uma relação entre números.

Em astronomia, foi Pitágoras dos primeiros a afirmar que a Terra e o Universo eram de forma esférica.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda, vol. 22, pp. 17, 18 e 19 (adaptado)

SEQUÊNCIA 1 – p. 45

O Livro do Dia – TSF

Gao Xingjian, novelista, dramaturgo e crítico literário de origem chinesa, nasceu em Ganzhou no dia 4 de janeiro de 1940.

Enfrentou as consequências da invasão japonesa durante sua infância e adolescência. O pai era banqueiro e a mãe atriz amadora. Foi ela que fez despertar o interesse do filho pelas artes, pelo teatro e pela escrita. Intelectual e escritor precoce, formou-se em Língua e Literatura Francesa no Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, em 1962 e traduziu em mandarim várias obras dos seus autores franceses preferidos, dando a conhecer aos seus compatriotas os temas da literatura ocidental contemporânea. Foi enquadrado na categoria de pessoas indesejadas durante a Revolução Cultural Chinesa, tendo sido enviado durante seis anos para um “campo de reeducação”, vendo-se forçado a queimar uma mala onde tinha dissimulado vários manuscritos. Depois disso, e até 1979, foi proibido de viajar para o estrangeiro e de publicar os seus livros. Contudo, neste mesmo ano, e após a morte de Mao, foi autorizado a deixar o país, tendo visitado então a Itália e a França. Entre 1980 e 1987 publicou novelas, ensaios e peças de teatro, mas a sua liberdade de pensamento não foi bem acolhida pelo regime chinês.

Vários dos seus espetáculos experimentais foram representados no Teatro Popular de Pequim, mas, embora tenham tido sucesso junto do público, começaram a confrontar-se com a Censura. Em 1985, “O Homem Selvagem” foi

objeto de grande polémica e, no ano seguinte, a representação de “A outra margem” foi proibida. Gao, no ano seguinte, deixou o país, tendo pedido asilo político a França. Atualmente mora neste país e tem cidadania francesa.

É ainda pintor, utilizando materiais chineses tradicionais (papel de arroz e pincel em pelo de cabra) e conseguindo modular a sua tinta negra em centenas de nuances. No entanto, Gao utiliza também algumas técnicas ocidentais em certas circunstâncias. Algumas das suas obras estão reproduzidas nas capas dos livros de que é autor.

Foi agraciado com o *Nobel de Literatura* em 2000.

SEQUÊNCIA 2 – p. 104

A rápida conquista da Península Ibérica

Em 711, tropas muçulmanas, vindas do Norte de África, atravessaram o estreito de Gibraltar e invadiram a Península Ibérica. Em três anos dominaram quase toda a Península, pondo termo ao reino dos Visigodos. A rapidez da ocupação muçulmana foi favorecida pelo estado de anarquia a que este reino tinha chegado, enfraquecido por lutas internas. Aliás, a entrada do exército muçulmano na Península Ibérica deu-se mesmo a pedido de uma das fações visigodas.

A resistência oferecida aos invasores foi insignificante. Por um lado, os Muçulmanos foram tolerantes para com as populações cristãs e, por outro, permitiram que muitos nobres visigodos continuassem a ocupar cargos na administração do território.

O movimento da reconquista

Apenas um pequeno número de Visigodos não aceitou o domínio muçulmano, refugiando-se nas regiões montanhosas do Norte – Astúrias e Pireneus. A partir daí, através de investidas, procuraram recuperar o território. A este movimento de recuperação do território peninsular, sob domínio muçulmano, chamou-se Reconquista.

Mas enquanto a conquista da Península pelos Muçulmanos foi rápida, a sua expansão foi lenta,

pois demorou quase oito séculos. Com efeito, somente em finais do século XV, com a queda do reino de Granada, os Muçulmanos foram, definitivamente, expulsos da Península Ibérica.

A Reconquista foi feita de avanços e recuos. Em particular até inícios do século XI, a progressão das tropas cristãs foi muito difícil.

SEQUÊNCIA 2 – p. 113

Exploradores evangélicos identificaram estrutura de madeira com 4800 anos, no monte Ararat

É uma velha estrutura de madeira, com compartimentos interiores dotados de barras, como se fossem jaulas. A sua localização, no monte Ararat, na Turquia (o pico mais alto em toda a região), e a sua idade – 4800 anos, verificados pelo método do carbono 14, um dos mais rigorosos que se conhece –, batem certas com uma extraordinária conclusão: aqueles poderão ser os tão procurados (e até agora nunca encontrados) restos da famosa Arca de Noé. É pelo menos essa a convicção do grupo de exploradores chineses evangélicos que fez o achado.

“Não temos cem por cento de certeza de que se trata da arca [de Noé], mas temos 99,9 por cento”, declarou Yeun Wing Cheung, realizador de documentários em Hong Kong e um dos 15 elementos chineses e turcos do grupo Noah's Ark Ministries International, que empreendeu a missão.

O achado foi feito a quatro mil metros de altitude no monte Ararat, na Turquia, que é o ponto mais elevado em toda a região e que, por isso mesmo, tem sido apontado por investigadores bíblicos como o local mais provável onde a arca terá tocado a terra firme, após a descida das águas diluvianas.

Os participantes na expedição excluíram a hipótese de a estrutura de madeira ser um indício de uma antiga ocupação humana, já que nunca até hoje se encontraram sinais de povoamento acima dos 3500 metros de altitude naquela zona.

A construção tem um formato em arco e no seu interior os exploradores identificaram vários

compartimentos, alguns com barras de madeira, que poderiam ter abrigado animais, segundo explicou Yeun Wing Cheung. A sua datação por carbono 14 estabeleceu que tem 4800 anos, o que é compatível com a época estimada pelos especialistas para a salvadora navegação da arca.

A equipa vai fazer escavações no local, para investigar e fundamentar a sua hipótese, e as autoridades turcas locais já decidiram que vão solicitar à UNESCO a classificação do sítio como património mundial, para garantir a sua preservação durante as escavações, adiantou o realizador chinês e participante na missão.

in *DN*, 27 de abril de 2010 (acedido em setembro de 2013)

SEQUÊNCIA 3 – p. 138

Os Lusíadas para gente nova, de Vasco Graça Moura

TSF – 18 MAI 2012

Ficou célebre a adaptação que João de Barros fez d'*Os Lusíadas* nos anos cinquenta do século passado. Chamou-lhe *Os Lusíadas de Luís de Camões Contados às Crianças e Lembrados ao Povo*.

A particularidade dessa adaptação (que João de Barros também levaria a cabo com a *Odisseia*, de Homero) era o facto de passar a prosa obras que no original são em verso.

A ousadia de Vasco Graça Moura leva o exercício da divulgação de *Os Lusíadas* bem mais longe. *Os Lusíadas para gente nova* é uma adaptação do poema épico de Camões em estrofes camonianas. E o próprio Graça Moura não esconde, em verso, o espanto pelo engenho e a arte com que o maior poema em língua portuguesa foi construído:

Para o fazer, Camões usou a oitava / Que é feita de oito versos a rimar. / Até ao sexto as rimas alternava, / Nos dois finais a rima vai a par.

Com oitavas assim, organizava / Estas história que tinha de contar / Em cantos que são dez e a nós, ao lê-los, / Espanta como pôde ele escrevê-los.

Espanta também como pôde Vasco Graça Moura compor este livro a que poderia chamar-se *Louvor e simplificação de Os Lusíadas*. Como escreve outro camoniano, Vítor Aguiar e Silva,

“só um grande poeta é capaz de dialogar assim com Camões”.

O Livro do Dia: *Os Lusíadas para gente nova*, de Vasco Graça Moura, edição Gradiva.

in www.tsf.pt (acedido em setembro de 2013)

SEQUÊNCIA 4 – p. 160

Mar me quer

Quando se sentiu morrer, meu pai se dirigiu a mim e pediu:

— *Venha comigo me mostrar uns certos lugares.*

Seus olhos já estavam todos brancos, como as conchas lambidas por muito sol.

— *Quais os sítios o senhor quer ir, pai?*

— *Senta, Zeca. Quero falar.*

Aguilberto Salvo-Erro nunca me chamou de filho. Aquela vez ainda pareceu hesitar. Mas adiantou-se, rápido, em assunto grave:

— *Eu estou mais-quase-menos-quase para morrer.*

— *Não diga isso.*

— *Eu sei que me chegou a hora. Mas não quero morrer num só lugar. Não posso acabar todo inteiro num único lugar. Já tenho os sítios onde irei morrer, um bocadinho em cada um.*

Seu pedido era esse: que o guiasse para esses lugares onde ele queria espalhar suas mortes. E partimos, primeiro rumo ao embondeiro de Ritsene. Ele se encostou no tronco, cansado. Ficou, deixado a respirar, até falar:

— *Seu avô Celestiano tinha razão, filho.*

— *Dizia era o quê?*

O avô condenava Aguilberto por ele se entregar aos costumes dos brancos. O motivo de sua desgraceira residia em suas costas viradas contra o mundo mais antigo.

— *Esta é a nossa igreja*, disse meu pai, apontando a árvore. *Ouviu, Zeca?*

— *Ouvi, pai.*

— *Diga ao padre Nunes que eu vim aqui, na árvore dos antepassados. Diga que eu vim aqui, não fui lá, ajoelhar na igreja dele...*

Tirou da saca um coral preto. Anichou o konkuene (coral) num oco da árvore, era sua dádiva aos antepassados.

— *Só eu que tenho esse coral, sou único quem tenho um assim.*

E nos afastámos, calcorrendo a margem do rio. Meu pai seguia direito a meu lado, parecia dispensar meus olhos. Será que, sem redondura nos olhos, ele ainda via?

— *Ouçó a luz da água, para onde ela vai...*

— *E vamos nós para onde?*

— *Agora vamos nessa florestinha onde esse barco nasceu.*

Levei-o para o interior de um bosque onde ele carpinteara as madeiras do seu primeiro e único barco. O velho rodou pela clareira, apalpou cada um dos troncos como se fosse corpo de mulher. E chamou cada uma das árvores por um nome.

— *Essa se chama Esperança, essa outra torta se chama Subidora do Sol.*

Tropeçou em arbustos, se enredou pelo chão. Ajudei a levantar-se. Mas ele preferiu restar sentado.

— *Me deixe morrer um pouco aqui. Me arraste só um nada para esse lado. Sim, aqui está bom, aqui corre um raiozito de sol.*

Ficou um tempo de olhos fechados. Voltou a tirar um pedaço de coral e pousou-o no chão. Era outra oferta aos deuses.

— *E agora, pai?*

— *Agora vou para o outro lado do mar...*

— *Eu vou aprontar o barco e sigo com o senhor.*

— *Não. Você fica, eu vou sozinho.*

Meti-o no barco mais seu velho saco. Fui empurrando até onde havia pé. Apontei a direção certa e disse-lhe:

— *Siga sempre a direito, não desvie...*

— *Estou no mar, meu filho, já não preciso condução.*

E se afastou. Foi a única vez que me chamou de filho. Era, eu sabia, a despedida. Ouvir da boca dele essa palavra poderia ser uma infância nascendo. Mas era o adeus dela.

Mia Couto, *Mar me quer*, 9ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, 2007, pp. 60-62

SEQUÊNCIA 4 – p. 169

O Hobbit

E foi assim que Thorin começou:

— Gandalf, anões e Sr. Baggins! Estaremos reunidos juntos em casa do nosso amigo e colega conspirador, este muito excelente e audacioso

hobbit... que o cabelo dos seus pés nunca caia! Todos os louvores para o seu vinho e a sua cerveja!

Fez uma pausa, para tomar fôlego e para dar ao *hobbit* a oportunidade de fazer uma observação cortês, mas os cumprimentos passaram completamente despercebidos ao pobre Bilbo Baggins, que abria a boca para protestar por lhe terem chamado “audacioso” e, pior ainda, “colega conspirador”, embora não saísse nenhum som, tão aturdido ele estava.

Por isso, Thorin prosseguiu:

— Estamos reunidos para discutir os nossos planos, os nossos meios, a nossa política e os nossos estratagemas. Em breve, antes de nascer o dia, iniciaremos a nossa longa viagem, uma viagem da qual alguns de nós, ou talvez todos nós (exceto o nosso amigo e conselheiro, o engenhoso feiticeiro Gandalf), nunca regressaremos. É um momento solene. O nosso objetivo é, presumo, bem conhecido de todos nós. No caso do estimável Sr. Baggins, e talvez de um ou dois dos anões mais novos (creio que não erraria se mencionasse Kili e Fili, por exemplo), a situação exata no momento talvez requeira uma breve explicaçãozinha...

Era este o estilo de Thorin. Tratava-se de um anão importante. (...) Mas foi rudemente interrompido. O pobre Bilbo não podia suportar mais. Ao “talvez nunca regressaremos” começou a sentir um grito formar-se dentro dele, um grito que não tardou a rebentar como o apito de uma locomotiva. (...) Todos os anões se levantaram de um pulo e chocaram com a mesa. Gandalf acendeu uma luz azul na ponta do seu bordão mágico e com ela pôde ver Bilbo no chão, que dizia:

— Atingido por uma faísca, atingido por uma faísca!

Levaram-no e deitaram-no no sofá da sala. Gandalf comentou:

— Excitável tipinho. Tem estranhos ataques, mas é um dos melhores, um dos melhores... feroz como um dragão num aperto.

Enquanto Bilbo se recompunha, ouviu Gloin dizer:

— Hum! – Achais que ele servirá? Nada custa a Gandalf dizer que este *hobbit* é feroz, mas um guincho daqueles num momento de excitação seria o suficiente para acordar o dragão e todos os seus parentes, e matar-nos a todos! Ele parece mais um merceeiro do que um assaltante!

Bilbo então disse:

— Perdoai-me se escutei palavras que estáveis dizendo. Não pretendo compreender do que falais, nem a vossa referência a assaltantes, mas penso que estou certo em crer que pensais que não presto. Eu vos mostrarei. Não tenho sinais nenhuns na minha porta... foi pintada há uma semana... e tenho a certeza absoluta de que viestes parar à casa errada. Assim que vi as vossas caras esquisitas no degrau, tive as minhas dúvidas. Mas considerai-a a casa certa. Dizei-me o que quereis feito e tentarei fazê-lo, ainda que tenha de andar daqui ao Leste do Leste e lutar com os vermes gigantes do Último Deserto. Tive um tio-tetravô, Touro Rugidor Took e...

Gloin interrompeu-o:

— Sim, sim, mas isso foi há muito tempo. Eu estava a falar de si. E asseguro-lhe que há uma marca nesta porta... a que é, ou foi, habitual no ofício. O que se costumava dizer era “assaltante precisa de um bom emprego, muita excitação e recompensa razoável”. Pode dizer “especialista na Caça ao Tesouro” em vez de “assaltante”, se quiser. Alguns preferem assim. Para nós é o mesmo. Gandalf disse-nos que havia um homem desse género nestas paragens, à procura de um emprego urgente, e que ele combinara um encontro aqui, nesta quarta-feira à hora do chá.

Gandalf acrescentou:

— Claro que há um sinal. Eu próprio lá o pus, por muito boas razões. Pediste-me que encontrasse o décimo quarto homem para a vossa expedição, e eu escolhi o Sr. Baggins. Que alguém diga que escolhi o homem errado ou a casa errada, e podeis ficar pelos treze e ter todo o azar que quiseres, ou voltar a extrair carvão.

Fez uma carranca tão zangada a Gloin que o anão se encolheu na sua cadeira. E disse:

— Muito bem. Acabemos com as discussões. Eu escolhi o Sr. Baggins, e isso deveria ser o suficiente para todos vós. Se digo que é um assaltante, é porque é um assaltante, ou sê-lo-á quando chegar à altura.

J. R. R. Tolkien, *O hobbit*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 2002, pp. 25-27 (adaptado)

SEQUÊNCIA 4 – p. 188

Mosca-soldado-de-duas-pintas (*sargus bipunctatus*)

As moscas são insetos da ordem *Diptera*, que inclui também os mosquitos, os moscardos e as melgas. O nome desta ordem, que significa “duas asas”, deve-se ao facto de apenas as asas anteriores serem funcionais, estando o par posterior transformado em órgãos de equilíbrio denominados “balanceiros”, que conferem estabilidade em voo. Em Portugal continental, a fauna registada de dípteros excede atualmente as 1500 espécies, sendo apenas ultrapassados em diversidade pelos coleópteros (escaravelhos) e lepidópteros (borboletas).

Entre as moscas presentes no Parque Biológico de Gaia destaca-se a mosca-soldado-de-duas-pintas, que foi encontrada pela primeira vez em Portugal há menos de um ano, no âmbito do estudo de inventariação dos invertebrados do Parque. Trata-se de uma espécie com 11 a 13 mm de comprimento, de corpo esbelto e patas laranja. A cabeça é maioritariamente ocupada pelos olhos e apresenta duas manchas esbranquiçadas contíguas, situadas acima da base das antenas. O tórax é verde metalizado e o abdómen é alongado, sendo dourado e brilhante nos machos, ao passo que nas fêmeas é maioritariamente alaranjado.

As larvas desta espécie são detritívoras, desenvolvendo-se em dejetos de animais, nomeadamente de vaca, e também em ervas em decomposição. O período de voo desta espécie, ou seja, de atividade dos adultos, abrange a segunda metade do verão e grande parte do outono, que foi justamente a estação em que a espécie foi encontrada no Parque.

Texto de J. M. Grosso-Silva (CIBIO-UP) [adaptado],
Parques e vida selvagem, Ano XI, nº 37 –
22/09 a 21/12 de 2011, p. 43

SEQUÊNCIA 5 – p. 197

A socialização das rapariguinhas nos anos 80 do século XX

Como é a socialização das rapariguinhas nos anos 80 do século XX?

Aquilo que é “capricho” nas raparigas é sinal de virilidade nos rapazes, cuja agressividade é tida por um indício encorajante: mais tarde, ele saberá não só defender-se como atacar. A rapariguinha deve “portar-se bem”, não gritar, empregar um vocabulário recatado, ser arrumada, despachar-se a ir buscar aquilo que lhe mandam, ser já “maternal” relativamente aos mais pequenos, sob pena de ser tratada de “má”. Mesmo nas sociedades industriais ditas “avançadas” o desejo de ter um rapaz para assegurar a continuidade da linhagem, “transmitir o nome”, permanece preponderante: se o primogénito é uma menina, o segundo deve ser um rapaz. (...)

Os brinquedos – naquilo que lhe diz respeito – contribuem para a diferenciação dos sexos. Uma inquiridora enviada a numerosas lojas e encarregada de colocar a questão: “Queria comprar um brinquedo para uma criança de três anos”, recebeu em toda a parte a seguinte réplica: “Para um rapaz ou para uma rapariga?”. Inquietando-se com o facto de o seu filho dar demasiada atenção às bonecas da irmã, os pais tentam orientá-lo para jogos mais agressivos e competitivos. Um inquérito americano adotado nas escolas primárias mostra que em todos os textos em que são mencionadas, as mães (quando ativas) são datilógrafas, enfermeiras, professoras primárias, isto é, exercem profissões tradicionalmente femininas. Um inquérito francês incidindo sobre livros para crianças sublinha que, nos grupos pequenos, o “chefe” é sempre um rapaz. (...) as educadoras de infância têm tendência a acentuar a segregação sexual, valorizando o “bom comportamento” das rapariguinhas, solicitando-lhes atividades de arrumação e de limpeza, das quais dispensam os rapazinhos.

Joel Matos (dir.), *Grande Crónica do séc. XX – 1972-1997* (vol. 3), Grupo Editorial Oceano, pp. 300-302 (adaptado)

SEQUÊNCIA 5 – p. 219

Teatro

O aparecimento do teatro clássico está intimamente ligado ao movimento renovador do Renascimento que procurava imitar os modelos literários da Antiguidade greco-latina. Os humanistas conheciam bem as tragédias de Séneca e

as comédias de Plauto e Terêncio e ainda, de um modo geral, quase todo o teatro de Grécia e Roma.

No entanto, muitos autores estudaram a comédia nova helénica (grega), que se situa entre o III e o II séculos a. C. O próprio ambiente em que decorria a ação, a intriga e as personagens apresentavam uma fácil identificação com certos meios da sociedade renascentista.

Assim, procuravam seguir a mesma temática, geralmente centrada num conflito amoroso, sendo ele a paixão de um jovem de boa família por uma cortesã ou por uma escrava. O pai, que se opunha a este amor, é enganado pelas manhas de algum parasita ou escravo dedicado ao seu jovem amo, que recorre a artimanhas, não só para enganar a vigilância familiar como também para eliminar outros rivais. As situações em que se vê envolvido e que resultam, por vezes, em furiosas cenas de pancadaria, constituem um motivo de cómico da peça. O desfecho da intriga não contém geralmente qualquer surpresa. O moço apaixonado descobre cedo que havia um engano na identidade da jovem (que, afinal, é livre ou de sangue real). Um rapto levado a cabo por piratas ou um naufrágio são habitualmente a causa da sua situação.

Jacinto do Prado Coelho (dir.), “Teatro”, in *Dicionário da Literatura*, Porto: Figueirinhas, vol. IV, 1992, p. 1060
(texto adaptado)

SEQUÊNCIA 6 – p. 240

Horas do Tempo

Saí daqui para bem longe
Fugi assim muito longe
Fiz-me à estrada ao amanhecer
À deriva sem nada a perder

Fui embalado ao sabor do vento
Deixei-me ir nas Horas do Tempo
As memórias ficaram por contar
Das tristezas não quero falar

Será que a culpa foi toda minha
Será que ao fundo termina a linha
O horizonte acaba ali
E a nascente jamais a vi

(Refrão)

Sou mais um sonhador

Ooohhh

Quiça um trovador

Adormeci quase anoitecia

Quando acordei era outro dia

O cansaço tomou conta de mim

E o fracasso já nasceu assim

João Pedro Pais

SEQUÊNCIA 6 – p. 247

Biografia de Inês de Castro

Inês Pires de Castro, mais conhecida por Inês de Castro, nasceu em 1320 ou 1325, sendo esta data ainda incerta, na Galiza. Era filha natural de Pedro Fernandes de Castro, mordomo-mor de D. Afonso IV e também um dos fidalgos mais poderosos do reino de Castela, pois era neto, por via ilegítima, de Sancho IV de Castela e de uma singela dama portuguesa, Aldonça Lourenço de Valadares.

Esta figura histórica tornou-se conhecida nacional e internacionalmente pelo seu romance com D. Pedro I, filho de D. Afonso IV, rei de Portugal. No tempo de reis, em meados do século XIV, como sabemos, os príncipes não tinham poder de escolher a sua futura mulher, sendo esta decisão da responsabilidade do rei e

D. Pedro não foi uma exceção, estando comprometido com Constança Manuel, filha de D. João Manuel de Castela, tutor de Afonso IV, príncipe de Vilhena e Escalona e duque de Penafiel. Juntamente com Constança, para Portugal, veio Inês de Castro, uma das suas aias, que capta, mais tarde, a atenção do príncipe.

No entanto, a relação, que veio a evoluir ao longo dos tempos, não era bem aceite pelo povo, pela corte e, obviamente, pelo rei, que não só tinha medo da influência dos irmãos de Inês sobre o seu filho, como também por motivos diplomáticos com João Manuel de Castela, pai de Constança. Então, em 1344, o rei mandou exilar Inês no Castelo de Albuquerque, na fronteira castelhana. Mas nem a distância conseguiu superar a paixão, pois Pedro e Inês continuaram a corresponder-se com frequência.

Quando Constança, em outubro desse mesmo ano, morreu ao dar à luz o futuro rei D. Fernando I, Pedro mandou Inês regressar do exílio e ambos foram viver em sua casa, para óbvio desgosto de D. Afonso IV, que ainda tentou remediar a situação, propondo que seu filho casasse com outra dama, mas D. Pedro recusou, desculpando-se que ainda estava de luto por Constança. E, anos mais tarde, D. Pedro casou-se secretamente com Inês, segundo a lenda.

Sem mais alternativas, o rei D. Afonso IV, cedendo às pressões dos seus conselheiros e do povo e aproveitando a ausência de D. Pedro, mandou Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Pedro Lopes Pacheco matar Inês em Santa Clara.

Biografia de Inês de Castro
in <https://sites.google.com>
(acedido em setembro de 2013)



GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Avaliação da expressão oral – Informar

Parâmetros (1 a 5)		Aspecto	Voz	Conteúdo			Nível atingido (1 a 5)
Alunos				Elementos da notícia/reportagem Seleção da informação	Organização em momentos	Correção linguística	
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							

Avaliação da expressão oral – Explicar

Parâmetros (1 a 5)		Aspecto	Voz	Conteúdo			Nível atingido (1 a 5)
				Organização da informação	Apresentação de facto(s), explicação(ões) e exemplos	Correção linguística	
1	Alunos						
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							

Avaliação da expressão oral – Argumentar e justificar pontos de vista

Parâmetros (1 a 5)		Aspecto	Voz	Conteúdo				Nível atingido (1 a 5)
Alunos				Posição pessoal (tese)	Argumentos	Contra-argumentos (se pertinente)	Correção linguística	
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
21								
22								
23								
24								
25								
26								
27								
28								
29								
30								

Avaliação da expressão oral – Leitura expressiva

Parâmetros (1 a 5)		Aspetto			Voz			Nível atingido (1 a 5)
		Postura	Contactos visuais	Expressão facial	Dicção	Intensidade	Ritmo	
Alunos		Rígida/descontraída	Abundantes/ inexistentes	Expressiva/ inexpressiva	Clara/ imperfeita	Audível/ fraca	Adequado/ desadequado	
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
21								
22								
23								
24								
25								
26								
27								
28								
29								
30								

Avaliação da expressão escrita

Nome do aluno	Caligrafia	Disposição do texto na página	Ortografia		Pontuação	Construção da frase	Organização das ideias	Conectores	Nível atingido (1 a 5)
			Desenho da palavra	Acentuação					
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
21									
22									
23									
24									
25									
Observações:									

Revisão textual – Autoavaliação

		Sim	Não
Planificação			
Elaborei o plano-guia do meu texto de acordo com o tipo de texto (carta, narrativa, texto descritivo, explicativo).			
Organizei a informação de forma pertinente.			
Segui o plano-guia apresentado no Manual.			
Escrita			
Redigi o meu texto de acordo com o plano-guia.			
Revisão			
1. Reli o texto para o corrigir a nível de:			
a) ortografia			
b) acentuação			
c) pontuação das frases			
d) criação/eliminação de parágrafos			
e) tempos verbais incorretos			
f) frases pouco claras			
g) organização das ideias			
h) repetição de ideias			
i) informação pouco pertinente			
j) introdução de conectores adequados			
2. Verifiquei se o texto:			
a) tem título			
b) cumpre as margens da folha			
c) tem a minha identificação			
Última Fase			
Passei o texto a limpo com caligrafia legível			



SOLUÇÕES DO CADERNO DE ATIVIDADES

Ficha 1 – Página 4

1. a) Os rapazes dirigiram-se ao alto do monte (era lá que costumavam brincar todas as tardes).
- b) Estava muito feliz porque acabara de ler “Mestre Finezas”, de Manuel da Fonseca, e já poderia apresentar o trabalho. Sabia que isso faria feliz a sua mãe.
- c) Tu és mesmo meu “amigo”: pedes-me o dinheiro emprestado e agora dizes-me que não me poderás pagar.
- d) Comecei a ler Ondjaki. Naquele parágrafo, a minha atenção parou-me nalgumas frases: “Depois do almoço, o Jika disse que ia à casa dele buscar ‘uma coisa’ [...] O Jika abriu um muito, muito pequenino guarda-chuva azul.”
- e) Este soneto tem dez sílabas métricas, como se observa pelo exemplo: Se/te a/nos/ de/pas/tor/ Ja/cob/ ser/vi/a.

Ficha 2 – Página 6

- 1.1. b)
- 1.2. c)
- 1.3. d)
2. Desumano, desamor, desaprender, antirru-gas, refazer, pré-aviso, pré-existência, super-herói, superinteressante
- 2.1. a) oposição, contrário; b) oposição, contrário; c) repetição; d) anterioridade; e) excesso
3. empilhador(a); caçador; infantaria; facada, bengalada, chuvoso, animação, arrumação
- 3.1. a) agente; b) quantidade; c) evento; d) relação; e) ação
4. O elemento comum é *-eiro*.
- 4.1. Sufixo.
- 4.2. a)
- 4.3. pedra; ferro; guerra; carta; cavalo; costura; escudo.
- 4.4. Juntou-se o sufixo *-eiro* à forma de base (radical).
- 4.5. Por exemplo, padeiro, barbeiro, tanoeiro, etc.

5.

Palavra	Prefixo	Forma de base
desgoverno	des-	governo
impróprio	im-	próprio
pianista		pian-
igualdade		igual
impropriamente	im-	própria
risonho		ris-
floreira		flor
reler	re-	ler
descrever	des-	crer

Palavra	Sufixo	Processo de formação
desgoverno		prefixação
impróprio		prefixação
pianista	-ista	sufixação
igualdade	-dade	sufixação
impropriamente	-mente	prefixação e sufixação
risonho	-onho	sufixação
floreira	-eira	sufixação
reler		prefixação
descrever		prefixação

6.

Palavra	Parassíntese	Prefixação e sufixação
infelicidade		X
insuportável		X
emagrecer	X	
deslealdade		X
imperdoável		X
abocanhar	X	
aparvalhar	X	
empobrecer	X	

7. a) 4; b) 6; c) 3; d) 2; e) 5
8. a) baralhação, baralhada, baralhamento
b) chapelada, chapeleira, chapéu de chuva
c) completar, completamento, completamente
d) discografia, discográfico, disco-jóquei
e) perfumista, perfumoso, perfumaria
f) sapatada, sapataria, sapatear
g) tecnicamente, tecnicidade, tecnicismo
9. Cardi- + log[ia]; cosm + log[ia]; dermat + log[ia]; fisi + log[ia]; geo + log[ia]; graf + log[ia]; morf + log[ia]; psic + log[ia]; simb + log[ia]; zoo + log[ia].
- 9.1. A vogal de ligação é *o* em todas as palavras, exceto em geologia, que não tem vogal de ligação.
- 9.2. Com o radical log[ia] é possível formar novas palavras:
a) soci + o + ... = sociologia; b) urol + o + ... = urologia; c) neur + o + ... = neurologia;
d) miner + a + ... = mineralogia.
- 9.3. Composição por radicais.
- 10.1. c)
- 10.2. Por exemplo: guarda-chuva e arranha-céus; Ele **guarda** os relógios na gaveta. / A **chuva** ainda hoje não parou; Esta unha **arranha** porque está mal cortada. / O **céu** está azul.
- 10.3. guarda-redes, pontapé.

11.

Compostos por radicais	Compostos por palavras
telecomunicações	aluno-modelo
televisão	homem-aranha
agrícola	bomba-relógio
fotografia	governo-sombra
herbívoro	homem-rã
cronômetro	notícia-bomba
democracia	peixe-espada

12.

Elementos que a compõem		
Palavra	radical + radical	Processo de formação
sexta-feira		composto por palavras
fusiforme	X	composto por radicais
arco-íris		composto por palavras
pica-pau		composto por palavras
telefone	X	composto por radicais
cardiologia	X	composto por radicais
porta-moedas		composto por palavras
lava-louças		composto por palavras

Elementos que a compõem		
Palavra	palavra + palavra	Processo de formação
sexta-feira	X	composto por palavras
fusiforme		composto por radicais
arco-íris	X	composto por palavras
pica-pau	X	composto por palavras
telefone		composto por radicais
cardiologia		composto por radicais
porta-moedas	X	composto por palavras
lava-louças	X	composto por palavras

Ficha 3 – Página 12

- 1.1. a) Robinson e Speranza; b) animal, dias
- 1.2. a) Arquipélago; b) Pertence à subclasse dos comuns coletivos.
2. a) alfabeto; b) p. ex., bosque; c) biblioteca; d) coletânea; e) multidão; f) vara
3. Robinson não precisou de um caderno para escrever a Constituição da Ilha Speranza. Rodeado de silêncio, escreveu tranquilamente as leis que o ajudariam a sobreviver.
- 4.1. Os nomes são: formigas, pelos, barba, carne, crânio, chifres, laço, cabelo e meninas. São nomes comuns.
- 4.2. Por exemplo, dois nomes do género feminino são formigas e barba; dois do género masculino são crânio e laço.
a) Todos os nomes referidos em 4.2. são uniformes, não variando em género.
b) Menino/a.
- 4.3. Por exemplo, dois nomes no singular são cabelo e crânio; no plural, formigas e chifres.
a) Todos os nomes registados em 4.3. são biformes quanto ao número, inclusive “cabelo” porque se pode dizer “os cabelos” (na frase: os cabelos loiros seduzem-me).
b) Robinson.
- 4.4. a) Nome comum, género masculino, número singular.
5. a) duquesa; b) imperatriz; c) galinha; d) rouxinol fêmea; e) abelha; f) condessa
6. a) homem/marido; b) réu; c) veado; d) patriarca; e) genro; f) herói
7. a) oásis, ourives, paraquedas; b) êxitos, plumas, currículos; c) aldeões, corrimãos, cidadãos; d) couves-flores (ou couves-flor), pães

de ló, recém-nascidos; **e)** males, túneis, álcoois, paus

8. **a)** botõezinhos; **b)** açõezinhas; **c)** papeizitos; **d)** cordeizinhos; **e)** narizinhos; **f)** azuizinhos

9. **a), b)** e **f)** encontram-se no grau diminutivo; **c), d)** e **e)** no grau aumentativo

Ficha 4 – Página 15

1.1. Os adjetivos são cinzenta, avermelhada, branco.

1.1.1. Pertencem aos adjetivos qualificativos.

1.2.1. O adjetivo numeral poderá ser “primeira”/ “quarta”...

1.2.2. Movimento corporal.

2. **a)** muito gélido; **b)** tão gélido como ...; **c)** o menos gélido

3. São todos biformes, exceto “sepulcral”

4. só; agrícola; hipócrita; inútil; louvável

5. **a)** justo; **b)** europeu; **c)** resmungão; **d)** encantador

6. **a)** judia; **b)** afro-asiática; **c)** anti-infeciosa; **d)** surda-muda

7. **a)** Os vestidos verde-claros são os meus preferidos.

b) Os cidadãos cabo-verdianos têm pronúncias interessantes.

c) Ficaram conhecidos mais povos semisselvagens.

d) As ideias sociais-democratas foram amplamente discutidas.

8. **a)** O desempenho do atleta da camisola verde foi pior do que o da camisola laranja.

b) O pássaro libérrimo voou sem fim.

c) É desagradabilíssimo chamar os outros à razão.

e) A irmã dele é muito doce.

9. **a)** presta(r) – base verbal; **b)** teatro – base nominal (nome comum); **c)** pessoa – base nominal (nome próprio); **d)** ritmo – base nominal (nome comum); **e)** rouba(r)do – forma verbal (particípio); **f)** poeta – base nominal (nome comum).

10. **a)** Ela tem uma capacidade e um jeito extraordinários.

b) Ele é detentor de uma energia e de uma força incríveis.

c) Ele está convencido de que não ultrapassou os limites.

d) O empregado de mesa é amabilíssimo.

e) O poema tocou-me no mais profundo do meu ser.

Ficha 5 – Página 18

1. **a)** tragam; **b)** tinham; **c)** bordavam; **d)** fizera; **e)** tem averiguado; **f)** trarão

2. **a)**

3.1. Verbo intransitivo: “seguia”; verbos transitivos: “voltavam-se”, “acomodavam-se”, “punham”, “fechavam”, “levavam”, “puxava”, “arrastava-se”

3.2. voltavam-se / acomodavam-se / fechavam os casacos / levavam o dinheiro / puxava o cordão da campainha / arrastava-se

3.3. Verbos principais transitivos diretos: voltavam(-se); acomodavam(-se); fechavam; levavam; puxavam; arrastava(-se).

Verbos principais transitivos diretos e indiretos: punham.

4. Propostas:

a) O carro estava / parecia moroso e repleto como os outros.

b) O carro ia seguindo morosamente e repleto como os outros.

5. Verbo auxiliar: **a), c)**; verbo copulativo: **b), d), e)**

6. **a)** Verbo *fechar* – primeira conjugação (vogal temática –a); Verbo *pôr* – segunda conjugação (vogal temática –e [lat. *ponere*])

b) Fecho / fechas / fecha / fechamos / fechais / fecham;

Ponho / pões / põe / pomos / pones / põem

c) O verbo *fechar* é regular porque segue o modelo de conjugação dos verbos, só havendo mudança nos sufixos de flexão (mantém-se o radical *fech-* em todas as pessoas); o verbo *pôr* é irregular porque não segue o modelo de conjugação dos verbos

d) Verbo *fechar*: i) fechara; ii) fechaste; iii) tivesse fechado; iv) feche

Verbo *pôr*: i) puseste; ii) poria; iii) punha; iv) Pôr; v) Põe

7. cair: **a)** caem; **b)** caiu; **c)** caíram

7.1. Propostas: Ontem choveu. / Já não neva há muito. / Troveja aqui todos os dias do inverno.

7.2. **a)**

7.3. a) zumbem; b) esvoaçam; c) coaxam

7.4. São verbos usados na 3ª pessoa.

7.5. b)

Ficha 6 – Página 22

1.1. “ei-lo” (eis+o)

1.2. O -s final do advérbio caiu porque está se-guido do pronome *o*.

2. a)

3. a) A mesa é muito cara.

b) O exercício foi demasiado fácil para todos os alunos.

c) A Susana está extremamente cansada de trabalhar tanto.

4. a) Ainda não foste às compras.

b) Ele lê em demasia.

c) Eles fizeram tudo às claras.

d) Hoje, cheguei a casa cansada.

e) Cientificamente, a tua conclusão está correta.

f) Ele estudou efetivamente.

g) Deixa ai as compras.

h) Talvez vá hoje ao cinema.

i) Apenas se salvaram três marinheiros.

j) Vou ao cinema de vez em quando.

4.1. **Negação:** “não”; **afirmação:** “efetivamente”; **quantidade e grau:** “em demasia”; **modo:** “às claras”; **tempo:** “Ainda”, “hoje”, “de vez em quando”; **lugar:** “ai”; **Inclusão:** “apenas”; **exclusão:** “só”; **dúvida:** “talvez”

5. a) por onde; b) para onde; c) onde; d) de onde; e) até onde; f) onde; g) onde; h) aonde; i) onde

6. a) A Maria está maldisposta porque comeu com rapidez.

b) Com calma, tudo se resolve.

c) Irei, em breve, a Paris.

d) A Rita partiu com pressa.

e) Com efeito, está um belo dia de sol.

7. a) “Hoje” – valor de tempo; “afincadamente” – valor de modo; “muito” – valor de quantidade e grau; “cedo” – valor de tempo

b) “sim” – valor de afirmação; “somente” – valor de exclusão; “bem” – valor de modo

8. “Onde” e “como”, quanto à função, são advérbios interrogativos.

9. **Primeiramente**, fui ao supermercado. **De seguida**, dirigi-me à farmácia. **Porém**, não havia o medicamento de que necessitava. **No entanto**, o farmacêutico assegurou-me que à tarde já o teriam. **Por fim**, regresssei a casa.

Ficha 7 – Página 25

1.1. a) [eu] escrevo, te, (d)ele, comigo, lhe, ele, [eu] acabei, lhas (lhe+as), me, (l)o, [tu] terás, me; b) aquele; c) teu, suas; d) tudo; e) quem

1.2. *Aquele*: género masculino, número singular.

a) Pronome variável.

1.3. *Tudo*: não apresenta flexão em género nem em número.

a) Pronome invariável.

2. d)

3. Propostas: a) me; b) nos; c) -o; d) -lhe

3.1. Concluo que eles se colocam depois do verbo.

4. Propostas: a) “nunca me telefona”; b) “Não nos acontece nada de mau.”; c) “Onde o encontraste?”; d) “Bons olhos te vejam”.

4.1. Concluo que se colocam antes do verbo.

5. Propostas: a) “Quando o vi”; b) “Alguém me chamou?”; c) “Já te dei o caderno?”; d) “Uma grande prenda lhe deu ela”; e) “Esperto me parece ele!”

5.1. Concluo que se colocam antes do verbo.

Ficha 8 – Página 27

1.1. “sentar-me”, “revelar-lhe”, “fazê-la”, “deixá-los”, “incentivá-los”.

1.1.1. Estão no infinitivo.

1.2. Os pronomes *-o(s)* e *-a(s)* transformam-se em *-lo(s)* ou *-la(s)*, quando colocados junto de um verbo terminado em *-r*. Nesta situação, o *-r* desaparece e a forma verbal ganha um acento grave ou circunflexo.

2. a) trá-lo-ei; b) fá-lo-á; c) comprá-lo-ia; d) vesti-la-iam

2.1. Concluo que se colocam no meio da forma verbal (posição mesoclítica).

3. Frases corretas: b) B; c) A; d) A; e) B; f) B; g) B; h) B; i) A

4. a) Eles não se amaram de verdade.

b) Elas não se temem.

c) Nós não nos adoramos.

d) Eu não o vejo diariamente.

5. **Por exemplo:** a) Que Deus te guie!; b) Ai que me ferir! c) Ainda te lembras de mim! d) Que me esqueça depressa do que aconteceu!
6. a) Ambos se constiparam nas férias do Natal; b) Tudo o que faço me motiva; c) Ou nos despachamos ou perdemos o comboio.
7. a) Jamais lhe emprestarei o meu corretor; b) Oferecer-lhe-ei (...); c) Ela contou-no-las (...); d) Quando nos recebeu (...)

Ficha 9 – Página 30

1. a) O(s) determinante(s) artigo(s) definidos: “A”, “a”, “a”, “a”, “a”, “a” – o(s) determinante(s) artigo(s) definidos contraídos com preposição: “na” (*em+a*), “da” (*de+a*), “ao” (*a+o*), “da” (*de+a*), “da” (*de+a*), “das” (*de+as*), “do” (*de+o*), “no” (*em+o*), “na” (*em+a*), “da” (*de+a*), “pela” (*por+a*), “na” (*em+a*), “no” (*em+o*), “da” (*de+as*), “nas” (*em+as*); b) o(s) determinantes artigo(s) indefinidos: “um”; “uma”; c) o(s) determinantes demonstrativo(s): “nesta” (*em+esta*); “este”; d) o(s) determinantes possessivo(s): “sua”
- 1.2. Proposta: Que taça poderá receber a Académica 43 anos depois?
- 2.1. Determinantes indefinidos: *certas*, *outros*; determinantes artigos definidos: *a*, *a*, *os*; determinantes artigos indefinidos: *um*; determinante demonstrativo: *aqueles*; determinante possessivo: *vossos*; determinante interrogativo: *que*
- 2.2. Todos os determinantes das frases flexionam em género e número, exceto o interrogativo; determinantes no género masculino: *um*, *outros*, *aqueles*, *os*, *vossos*; determinantes no género feminino: *certas*, *a*, *a*; determinantes no singular: *a*, *um*, *a*; determinantes no plural: *certas*, *outros*, *aqueles*, *os*, *vossos*
3. a) Os tais rapazes foram premiados ontem. b) Naqueles dias, havia outros jogos marcados.
4. a) Ambas as meninas assistiram ao jogo. b) Alguma jogadora saiu lesionada?
- 5.1. Determinantes: “uma”; “minha”; quantificador: “sete”
- 5.2. “uma” – (det.) artigo indefinido; “minha” – (det.) possessivo; “sete” – (quantif.) numeral
6. a) 6; b) 2; c) 4; d) 5

Ficha 10 – Página 33

- 1.1. a) “e” (v. 7); b) “ora ... ora” (vv. 5 e 6); c) “ou” (v. 1 da 2ª estância)
2. a) 5; b) 6; c) 3; d) 2; e) 7
3. a) Não só Vasco da Gama perguntou como também o Adamastor respondeu. b) A descrição do Adamastor impressionou-me mas não me assustou. c) Para os marinheiros, o escuro vulto era um penedo ou era um gigante. d) Vasco Graça Moura escreveu uma obra simples, pois é lida por muitos jovens.
4. “e” – conjunção coordenativa copulativa

Ficha 11 – Página 35

1. a) quando; b) porque; c) Enquanto; d) quando; e) quando
- 1.1. *porque*: conjunção subordinativa causal; *enquanto*, *quando*: conjunções subordinativas temporais.
- 1.2. *porque*...: oração subordinada causal; *enquanto*...: oração subordinada temporal; *quando*...: oração subordinada temporal

2.

causal	comparativa	condicional
a) porque g) visto que h) Por	e) mais do que k) tão... como	d) Se

consecutiva	final	temporal f) Sempre que
c) tão... que l) tanto que	b) para i) para que	j) Até

Ficha 12 – Página 37

- 1.1. “Tinha”: Gretel; “ia”: Bruno; “ficavam”: elas; “fazia”: sujeito subentendido (ele); “estivesse”: ela; “iam contar”: as bonecas; “tinha”: ela; “pareciam”: as amigas antipáticas de Gretel; “estavam”: a mãe ou Maria; “tem”: o Bruno; “cantarolava”: um certo monstro; “tenho”: eu; “protestava”: ele; “são”: todos os outros meninos de nove anos; “Diz-se”: sujeito subentendido

1.1.1.

SUJEITO	Simplex	Gretel; Bruno; elas; ela; as bonecas; ela; as amigas antipáticas de Gretel; o Bruno; um certo monstro; eu; ele; todos os outros meninos de nove anos;
	Composto	A mãe ou Maria
	Subentendido	Sujeito de “fazia”
	Indeterminado	Sujeito de “Diz-se”

2.

Frases com sujeito expresso	Frases sem sujeito expresso
Frase a) Frase b) Frase e) Frase f)	Frase c) Frase d) Frase g)

2.1. Frases c) e d): sujeito indeterminado; frase g): sujeito subentendido

2.2. Sujeito simples: frases a) e b); Sujeito composto: frases e) e f)

3.1. Sujeito não expresso: [-] Era um dia triste;
[-] Dizia-se que era o dia da família [...];
[-] Chovia imenso

3.2.

Sujeito subentendido	Sujeito indeterminado
[o dia de Natal] Era um dia triste	[Alguém] Dizia-se que era o dia [...] [-] Chovia [...]

Ficha 13 – Página 39

1.1. “viaja”; “está”; “cheguei”; “tinha”; “Vim”; “contou”; “é”; “chegou”; “reuniu”; “proporcionou”; “foi”

1.2. **Verbo:** “cheguei”; **Verbo + predicativo do sujeito:** “é a maior e mais cosmopolita cidade chinesa, com cerca de 23 milhões de habitantes”; “foi o primeiro escritor português convidado”; **Verbo + complemento direto:** – ; **Verbo + complemento direto + complemento indireto:** “contou o escritor à agência Lusa”; **Verbo + complemento oblíquo:** – ; **Verbo + predicativo do sujeito + modificador(es):** “Agora está na China, pela primeira vez, a convite da Associação de Escritores de Xangai.”; **Verbo + complemento direto + modificador:** “não tinha ideia nenhuma da

China”; “reuniu este ano oito autores de outros tantos países, do México à Austrália”; **Verbo + modificador:** “Viaja muito”; “Vim completamente virgem, mesmo à procura do choque cultural”; “chegou no final de agosto, no âmbito do programa de “residências literárias” lançado em 2008 pela Associação de Escritores de Xangai”

2. a) “representa a dor do povo africano”
b) “não poderei ir à exposição deste autor”
c) “Surpreende-me”
d) “é reconhecida em todo o mundo”
e) “foi premiada”
f) “vem cá”

3. Um predicado: frase e); dois predicados: frases a), b) e d); três predicados: frase c)

4. Sugestões:

- a) A comissão defende os direitos dos jovens.
- b) O Henrique é aluno desta escola.
- c) O Presidente escreveu uma carta aberta a todos os portugueses.
- d) Hoje trovejou.
- e) Os rapazes construíram uma casa na árvore.
- f) As meninas ofereceram-lhes brinquedos.

4.1. Com base nas propostas apresentadas em 4.:

- a) complemento direto; b) predicativo do sujeito; c) complemento direto + complemento indireto; d) -- ; e) complemento direto + modificador; f) complemento indireto + complemento direto

Ficha 14 – Página 41

1.1. “agradecer”; “sou”; “está”; “falhei”; “voltemos”; “é”

1.2. Verbos principais: “agradecer”; “falhei”; “voltemos”; Verbos copulativos: “sou”, “está”, “é”

1.3. “agradecer-lhe”: complemento indireto; “falhei o tiro”: complemento direto; “voltemos ao palácio”: complemento oblíquo

1.4. Predicativo do sujeito

1.4.1. “o marajá de Rawhajpoutalah”; “ali”; “meu hóspede”

2. a) guitarra; no espetáculo; b) os temas selecionados; c) um aplauso; ao público; após o espetáculo; d) as músicas; aos guitarristas; ruidosamente.

2.1.

Pronomes	Constituintes
-o	um aplauso (-no)
-a	guitarra (-na)
-os	os temas selecionados
-as	as músicas
-lhe	ao público
-lhes	aos guitarristas

2.2. **Complemento direto:** um aplauso (-no), guitarra (-na), os temas selecionados, as músicas; **complemento indireto:** ao público, aos guitarristas.

3. **a)** as esferográficas; no estojo; **b)** à aula; na sala 24; **c)** de um país de língua portuguesa; **d)** o seu país de origem; no mapa-múndi; **e)** mal; na aula; **f)** bem; este poema

3.1. **a)** guardam as esferográficas no estojo.

b) assistem à aula.

c) vieram de um país de língua portuguesa.

d) identificaram o seu país de origem.

e) sentiu-se mal.

f) leu este poema.

Conclusão: Os grupos indispensáveis ao verbo são “no estojo” (*frase a.*), “à aula” (*frase b.*), “de um país de língua portuguesa” (*frase c.*), “mal” (*frase e.*)

3.2. **a)** Complemento oblíquo: no estojo; **b)** Modificador: na sala 24; **c)** Complemento oblíquo: de um país de língua portuguesa; **d)** Modificador: no mapa-múndi; **e)** Complemento -oblíquo: mal; Modificador: na aula; **f)** Modificador: bem.

4. **a)** Complemento de verbo: os meus marcadores; modificadores: ontem; à tarde

b) Complemento de verbo: um cartaz espetacular; modificadores: na escola

c) Complemento de verbo: me; modificador: frequentemente

d) Complemento de verbo: num programa de televisão; modificador: durante um mês

e) Complementos de verbo: a mensagem, à professora; modificador: com todo o cuidado

f) Complemento de verbo: de uma seleção cuidada das palavras

g) Complemento de verbo: de talentos desconhecidos

4.1. **a)** CD: os meus marcadores; **b)** CD: um cartaz

espetacular; **c)** Cl: -me; **d)** CObl: num programa de televisão; **e)** CD: a mensagem, Cl: à professora; **f)** CObl: de uma seleção cuidada das palavras; **g)** CObl: de talentos desconhecidos

Ficha 15 – Página 44

1. **a)** frequentemente; na rádio

b) já

c) com paciência; com letra bonita

d) muito; com a colega

e) felizmente; já; durante a tarde

f) na dúvida; sempre

g) logicamente; não

h) com certeza

i) com facilidade; estranhamente

2. **a)** Este livro é muito interessante.

b) Felizmente, a Rita é uma excelente executante de guitarra.

c) O João acabou de chegar há dois minutos.

d) Rapidamente, aprendi esta matéria.

Ficha 16 – Página 45

1. **a)** 5; **b)** 1; **c)** 3; **d)** 2; **e)** 4

1.1. “que está na praia” – modificador do nome restritivo; “que tem uma cor verde” – modificador do nome apositivo; “um turista ocasional” – modificador do nome apositivo; “verdejante” – modificador do nome restritivo; “de verão” – modificador do nome restritivo

2. por exemplo: **a)** ... a viagem dos meus sonhos; **b)** A florista, Joana Pinto, decorou...; **c)** A rapariga de cabelos compridos...; **d)** ... salão, que estava decorado em tons de azul, ficou...

3. modificador do nome restritivo: “que tocou à porta”; “longínqua”; “distante”; “da cidade”; “da localidade”; modificador do nome apositivo: “situada num país distante”; “que não era fácil para ninguém”; “os que trabalhavam sobretudo”

Ficha 17 – Página 46

1. **a)** Vocativo: Paulo; sujeito subentendido

b) Vocativo: menina; sujeito: eu

c) Vocativo: caros amigos; sujeito subentendido

- d) Vocativo: Ó Maria; sujeito: o João e o Rui
 e) Vocativo: professora; sujeito: nós
 f) Vocativo: portugueses; sujeito: os patriotas
 g) Vocativo: menino; sujeito subentendido

1.1.

Características do vocativo	Exemplos
Numa frase, podem surgir, em simultâneo, vocativo e sujeito	Frases d) e e)
O vocativo não determina a flexão verbal em pessoa	Frases b) e e)
Ao contrário do vocativo, o sujeito determina a flexão do verbo	Frases b) e d)
O vocativo corresponde a um chamamento, pelo que pode ser antecedido da interjeição Ó	Frase d)

2. a) – Vai já estudar, Maria!
 b) Não tem vocativo.
 c) – Aonde vais, meu querido, a estas horas?
 d) – Ó Carlos, podes vir aqui?
 e) – Queridos amigos, estou aqui para vos contar um segredo.
 f) – O António não teve férias, João!

Ficha 18 – Página 47

1. a) triste; b) cansado; c) empenhados; d) médica; e) os melhores amigos; f) interessados na matéria; g) o símbolo da pátria; h) aberta; i) na prateleira.
2. Sugestões: Os rapazes ficaram lá. / A saudade e a tristeza permanecem para sempre. / A maioria dos jovens é estudante. / Todos os edifícios da escola estão danificados.
3. **Predicativo do sujeito:** a) A Luísa é extremamente simpática com todos os colegas; c) Os apaixonados ficaram zangados com as namoradas; f) A maioria das pessoas permanece atenta aos perigos da sociedade moderna; h) A pintura está na minha casa; i) O fascínio permanecia igual.
Complemento direto: b) Todos os alunos conceberam um projeto de moradia moderna; d) Os alunos viram uma situação muito interessante; e) Os alunos estudam esta matéria com muito interesse; g) Naquela galeria, comprámos uma pintura fantástica.
- 4.1. As árvores eram enormes. Permaneciam naquele parque há longos anos. Quando a paisagem ficava branca com a queda da neve, as velhas árvores pareciam estátuas de gelo e continuavam impávidas como se o tempo não

passasse por elas. Ao contrário dos homens, que se tornavam impacientes, as árvores revelam-se calmas e compreensivas.

4.2. e 4.3. Resposta livre

Ficha 19 – Página 50

- 1.1. a), b); 1.2. a), b), d); 1.3. b); 1.4. a); 1.5. a), b), c), d); 1.6. a), b), c)
2. a) – Astérix, o Obélix vai contigo a Roma. b) Os dois heróis foram criados por Goscinny e Uderzo.
- 3.1. a) 1; b) 3; c) 5; d) 7; e) 8; f) 10; g) 2

Ficha 20 – Página 52

1. a) oração 1: A Fabiana pintou uma tela ontem; oração 2: e ofereceu-a à mãe hoje
 b) oração 1: A Mãe adorou a pintura; oração 2: pô-la em lugar de destaque na sala; oração 3: e mostrou-a a todas as amigas
 c) oração 1: A irmã da Fabiana adora pintura; oração 2: mas não tem jeito para desenhar
 d) oração 1: A irmã da Fabiana lê todos os dias livros de investigação; oração 2: ou escolhe os livros de mistério mais densos; oração 3: mas nunca lê revistas cor-de-rosa
 e) oração 1: A irmã da Fabiana já ganhou um concurso de escrita com um romance original; oração 2: logo tem vocação para escrever
 f) oração 1: A Fabiana e a sua irmã terão futuro como artistas; oração 2: pois ambas já viram alguns dos seus trabalhos reconhecidos por especialistas
- 1.1. São compostas por orações coordenadas.
- 1.2. a) conjunção coordenativa copulativa e
 b) conjunção coordenativa copulativa e
 c) conjunção coordenativa adversativa mas
 d) conjunção coordenativa disjuntiva ou; conjunção coordenativa adversativa mas
 e) conjunção coordenativa conclusiva logo
 f) conjunção coordenativa explicativa pois
- 1.3. Sim, na frase b), a oração “pô-la em lugar de destaque na sala”. Designa-se oração coordenada assindética.
- 2.1. a)

Conjunção coordenativa	Elementos coordenados
copulativa: e adversativa: mas	a Rita / o Luís cansados / felizes

b)

Conjunção coordenativa	Elementos coordenados
copulativa: <i>e</i>	hoje / amanhã

c)

Conjunção coordenativa	Elementos coordenados
copulativa: <i>e</i> adversativa: <i>mas</i>	contente / motivado contente e motivado / excessivamente confiante

d)

Conjunção coordenativa	Elementos coordenados
disjuntiva: <i>ou</i>	de pão com fiambre / de um pastel de nata

e)

Conjunção coordenativa	Elementos coordenados
copulativa: <i>nem</i>	muito / pouco

3.1. a); 3.2. c); 3.3. b); 3.4. c); 3.5. d)

Ficha 21 – Página 55

1.1. “O mundo é melhor” – oração subordinante; “quando estamos todos juntos” – oração subordinada adverbial temporal

1.1.1. Proposta: Sempre que estamos juntos, o mundo é melhor

2. a) “Vem à reunião”; b) “Esquecia-o”; c) “foi dormir”; d) “Divertiu-se”

3. a) Oração subordinada adverbial temporal: “Enquanto tomas café”; oração subordinante: “vou ao supermercado”; oração subordinada adverbial causal: “porque pretendo comprar laranjas.”

b) Oração subordinada adverbial concessiva: “Embora a prova estivesse a correr bem”; oração subordinante: “sentia-me nervosa”; oração subordinada adverbial comparativa: “como se fosse a primeira vez.”

c) Oração subordinada adverbial temporal: “Mal chegou a hora”; oração subordinante: “os estudantes desfilaram pelas ruas da cidade”; oração subordinada adverbial final: “para que os familiares os vissem.”

d) Oração subordinada concessiva: “Conquanto ainda não tenha cosido a bainha”; oração subordinante: “podes experimentar a saia”; oração subordinada adverbial causal: “dado estar a pregar o botão à blusa.”

4. a) Dá o dicionário ao João para que ele corrija os erros.

b) O João cresceu tanto que não cabe na porta.

c) Apesar de a água estar gelada, nadei 2000 m.

5. a) 4; b) 8; c) 1; d) 3

6. a) Embora tenha pouco tempo, ela pratica natação todos os dias. b) Enquanto a Maria estudava matemática, a mãe fez um bolo de noz e amêndoa. c) Os estudantes devem estudar afincadamente para prepararem o seu futuro.

7.1. b); 7.2. c); 7.3. a); 7.4. b); 7.5. d); 7.6. a); 7.7. d)

Ficha 22 – Página 59

1.1. “que amava Raimundo”; “que amava Maria”; “que amava Joaquim”; “que amava Lili”; “que não amava ninguém”; “que não tinha entrado na história”

1.2. Em todas as orações, é o pronome relativo *que*.

1.3. “que amava Raimundo” – antecedente Teresa; “que amava Maria” – antecedente Raimundo; “que amava Joaquim” – antecedente Maria; “que amava Lili” – antecedente Joaquim; “que não amava ninguém” – antecedente Lili; “que não tinha entrado na história” – antecedente J. Pinto Fernandes

1.4. Por exemplo: João, que não aguentou a decepção, [...] Teresa, que sempre fora muito devota, [...] Raimundo, que sempre gostara das grandes velocidades, [...] Maria, que nunca encontrou um namorado sério, [...] Joaquim, que não aguentou a tristeza [...] Lili, que estava cansada daqueles desencontros amorosos, [...]

2. a) O rio corria perto daquela casa onde morava havia vinte anos.

b) O inspetor não conhecia a identidade das pessoas com quem tinha falado durante a tarde.

c) Foi então que chegou a música de maior sucesso, que as pessoas tinham pedido durante toda a noite.

d) A rapariga de olhos verdes dirigiu-se ao rapaz cuja casa tinha sido assaltada durante a noite.

e) A luz do sol, que alegrou a minha tarde, estava prestes a findar.

3. a) 5; b) 2; c) 1; d) 3; e) 4

4. Oração subordinada substantiva: **a)**, **d)**; Oração subordinada adjetiva relativa: **b)**, **c)**, **e)**

4.1. **b)** “que”; **c)** “que”; **e)** “que”

4.2. **b)** “o rapaz”; **c)** “a casa”; **e)** “o sol”

5. **a)** de; **b)** com; **c)** a; **d)** com; **e)** em; **f)** de; **g)** de; **h)** para; **i)** para

6. **a)** O material **de que** eu preciso chega hoje. **b)** Vais ouvir a música **de que** tu gostas. **c)** Esta é a marca **em que** as pessoas confiam. **d)** Este documento **a que** tu te referes é importante. **e)** Estas situações são recorrentes na sociedade **em que** nós vivemos. **f)** As pessoas **com que** eles contavam não vieram. **g)** Este é o bar **aonde** eles foram ontem. **h)** Esta é a rua **por onde** costumo passar. **i)** Esta é a cidade **para onde** vou morar.

7. Resposta livre

Ficha 23 – Página 63

1. **a)** É importante que chova.
b) Perguntei se estás contente.
c) A Tânia disse que o João acabou de chegar.
d) Pedi para te aproximares.
e) O Francisco rogou-lhe que ele parasse com aquilo.

2. Propostas:

a) A professora pediu para lerem em silêncio.
b) É justo se ela ganhar / que ela ganhe.
c) A Laura afirmou que foi a França nas férias.
d) Os alunos da turma A perguntaram se podiam sair.
e) O agricultor solicitou que o ajudassem.
f) É possível que as coisas corram bem.
g) A Rafaela questionou se o correio já tinha chegado.

2.1. As conjunções subordinativas substantivas completivas *que, para, se*

3. **a)** / **b)** / **c)** / **d)**

4. **a)**, **c)**, **d)**, **f)**

4.1. orações subordinadas substantivas completivas: **a)** “que o tempo estava bom”; **c)** “se a viagem fora difícil”; **d)** “que o barco fosse mantido a salvo”; **f)** “que o mar era um elemento muito perigoso e respeitável”.

4.2. **b)** “que tinham chegado à praia”; **c)** “que chegara”; **d)** “que o barco (que ali chegara) fosse mantido a salvo”; **e)** “que estavam completamente rasgadas”

5. (1) “que sobre nós se abriram mar e céu”: oração subordinada adverbial consecutiva; (2) “no que vejo”: oração subordinada substantiva completiva; (3) “pois só à vontade de Deus, e não à do Demónio, estamos todos entregues”: oração coordenada explicativa; (4) “que ela me procura ainda”: oração subordinada substantiva completiva; (5) “o que se passou naquela terrível noite”: oração subordinada substantiva completiva e integrada dentro desta oração subordinada adjetiva relativa (“em que vos sorveu o mar”); (6) “que na alma dos homens é que existem monstros ou demónios”: oração subordinada substantiva completiva.

Ficha 24 – Página 65

1.1. **a)** “por ter-lhe”; “lhe incomodar”

b) “ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas”

c) “que tinham vindo lhe incomodar”

2. **a)** “A história que a Manhã contou ao Tempo para ganhar a rosa azul foi a do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá; **ela a escutara** do vento” (p. 25) – colocação do pronome átono antes do verbo.

b) “Aquele sujeito caladão, orgulhoso e **metido a besta** bulia-lhe com os nervos” (p. 50) – expressões específicas.

c) “– Vá embora que **Papai** vem aí. Depois eu vou na ameixeira conversar com **você**, Feião...” (p. 70) – vocabulário específico (Papai); verbos utilizados com preposições diferentes (eu vou na); utilização de você em vez de tu (contigo).

d) “Ave Maria Cheia de Graça, andam **dizendo**, andam **dizendo**, eu não acredito, eu não acredito” (p. 79) – utilização do gerúndio.

e) “O Gato tentou compreender o que estava **se passando** com ela, entre que sentimentos contraditórios se debatia.” (p. 97) – colocação do pronome átono antes do verbo; utilização do gerúndio.

Ficha 25 – Página 66

1. À saída da missa, a Natália começou dizendo que o João Neca a tinha esperado no dia anterior à entrada do povo. Ele, a sentir o sangue subir -lhe à cara, perguntou-lhe se era verdade e o que tinha acontecido de seguida. Ela deixou cair com melancolia que ele a tinha pedido em namoro. [...]

Ele acrescentou que ela é que via e que ele não era mau rapaz.

2. Sugestão:

A mãe perguntava-lhe o que ele iria dizer a Natália, o que pensava fazer. Ele respondia com um longo silêncio.

3. Ela solicitou ao João que naquele dia à tarde fosse a sua casa. Acrescentou que lhe ia ler o livro de que lhe falara no dia anterior. Disse-lhe, finalmente, que, naquele momento, ficava ali na livraria porque queria ver aquelas novidades que tinham acabado de chegar para decidir o que compraria.

4. – O que deseja? – perguntou a funcionária.

– Estou à procura de um livro de aventuras que foi editado recentemente, para oferecer à minha sobrinha.

– Hoje não temos novidades editoriais. Tem possibilidade de voltar cá amanhã? Chegam livros novos. – informou a funcionária.

Ficha 26

1. a) Sigla; **b)** Acrónimo; **c)** Amálgama; **d)** Extensão semântica; **e)** Empréstimo; **f)** Truncação (otorrinolaringologista).

2. a), b), d), e) e f) são acrónimos; **b) e c)** são siglas.

3. A janela da sala está aberta. / Fecha algumas janelas do computador.

4. holding; outdoor; ranking

Ficha 27 – Página 68

1.1. A palavra “centímetro” é monossémica e “medida” polissémica. A primeira significa medida, tendo por isso um único significado; a segunda apresenta um conjunto de diferentes significados.

1.2. a) 3; **b)** 5; **c)** 4; **d)** 8; **e)** 1; **f)** 7; **g)** 10; **h)** 9; **i)** 2; **j)** 11; **k)** 6

2. Propostas:

a) O menino, durante a infância, ia sempre deitar-se no meio do pai e da mãe. / Não há meio de saíres daqui.

b) Os peixes nadam. / Eles nadam em suor, sempre que correm.

c) A parede da casa ruiu. / Ele está entre a espada e a parede.

d) A vida dele é um mistério. / O terço era rezado à noite. Após o segundo mistério, adormecia.

e) Vive um grego no 2º andar. / Ele viu-se grego para arranjar trabalho.

Ficha 28 – Página 70

1.1. “luz” vs “escuro” / “treva”; “alegria” vs “tristeza” / “dor”

1.2. Noite / treva

1.3. “escuro” e “tristeza”

1.3.1. “mágoa”, “desalento”, “dor”, “voz de morte”

1.4. “Esperança”

1.5. “luz” e “alegria”

Ficha 29 – Página 71

1.1. sementes de mar, grãos de navegar, água de aguardar, semeei, flor do sertão, pedra de plantar, rosa

1.2. raiz, floresta, enxada, fruto, cultivo

2.1. Propostas:

a) No campo, crescia o milho, o feijão e o grão.

b) Aceito um grão de açúcar.

c) Se tivesses um grãozinho de bom senso, tudo correria melhor.

d) Escorreguei e caí ao passar por cima de uma rocha de grão fino.

e) O homem vestia um casaco de fazenda de grão fino.

3.1. a) grande extensão de água salgada; **b)** profissão de pescador ou de marinheiro; **c)** imensidão.

Ficha 30 – Página 73

1. O dilúvio e a recolha dos animais na Arca de Noé

2. elefante, macaco, girafas, arara, gato, burro, cachorro, leão, tigre

2.1. bicharada, bichos, animais

2.2. Aves: arara; bichos de pelo: leão, tigre, macaco, gato, burro, cachorro, elefante, girafas...

3. rosa, cravo, tulipa, jarro, antúrio, gladiolo, gerbera, orquídea

3.1. Resposta livre.

Ficha 31 – Página 75

1.

Frases ativas	Frases passivas
Frase c) Frase f)	Frase a) Frase b) Frase d) Frase e)

2.

Sujeito	Verbo	Complemento direto
Sujeito	Verbo com auxiliar <i>ser</i> (conjugado no tempo do verbo da frase ativa)	Complemento agente da passiva

3. a) Três golos foram marcados pelo jogador na baliza adversária.
b) Os jogadores tinham sido selecionados pelo treinador no final do jogo.
c) Uma falta foi cometida no minuto 90.
d) Felizmente, uma mensagem será enviada por ti à Rita.
e) Em todas as brincadeiras, a seleção nacional era treinada por mim com grande sucesso.
4. a) Os espetadores aplaudiram efusivamente o jogo.
b) Os juízes de linha escreverão o relatório com todos os pormenores do jogo.
c) Os membros da claue apupavam o árbitro do jogo sempre que marcava falta.
d) Alguém roubou a bola que saiu de campo.
e) A polícia escoltaria as claques no final da partida.

Ficha 32 – Página 77

- 1.1. a) A sílaba tónica: chave; fácil; café; filho; rato; baú; veem
b) A sílaba átona: chave; fácil; café; filho; rato; baú; veem
2. a) tímido; b) tâmara; c) sozinho; d) fisicamente; e) inclusive; f) heroico
- 3.1. a) Palavras que contêm um ditongo: boia, dezoito, quatro, fósseis, vai
b) Palavras que contêm um hiato: rio, cafeína, miúdo, peúga, saúde, leem
- 3.2. boia: vogal *o* + semivogal *i*; dezoito: vogal *o* + semivogal *i*; quatro: semivogal *u* + vogal *a*; fósseis: vogal *e* + semivogal *i*; vai: vogal *a* + semivogal *i*.

- 4.1. a) Palavras que contêm ditongo oral: lixeira, bandeira, retribuiu, poeira, pau
b) Palavras que contêm ditongo nasal: paixão, mãe, liçãozinha, boião, põe

Ficha 33 – Página 78

- 1.1. O problema mais evidente é a repetição do conector *e*.
- 2.1. O conector *e*.
- 2.2. Sim, a vírgula.
- 2.2.1. A vírgula pode ser utilizada para assinalar enumerações com valor de adição. Neste caso, assinalaria a enumeração das ações levadas a cabo pelo João desde que se levantou até que chegou ao emprego.
- 2.3.1. a) e b)
- 2.3.2. a)
- 2.3.3. O João acordou e levantou-se. Entretanto, tomou o pequeno-almoço. Depois, saiu de casa e, de seguida, apanhou o autocarro. Logo após, chegou ao emprego e, finalmente, começou a trabalhar.
3. Adição e consequência.
- 3.1. O João estudou muito. **Consequentemente**, teve boas notas e a professora ficou muito contente. **Então**, deu-lhe um prémio.
- 4.1. Um dia, fui ter com o Pedro e [ordenação temporal] contei-lhe que ia ler um policial porque adorava a emoção da descoberta e [adição] era muito interessante seguir as pistas e [adição] seria muito bom para a minha imaginação e [ordenação temporal] o Pedro respondeu-me que não gostava de policiais e [adição] que não prestava atenção a pistas tolas e [consequência] eu fiquei a pensar naquilo. Eu sempre lera muito e [adição] adorava todos os mistérios e descobrira todos os culpados e [contraste] agora estava confuso com aquilo tudo.
- 4.2. Um dia, fui ter com o Pedro e, **então**, [ordenação temporal] contei-lhe que ia ler um policial: **em primeiro lugar**, porque adorava a emoção da descoberta; **em segundo**, porque era muito interessante seguir as pistas; **por fim, porque** seria muito bom para a minha imaginação. **De seguida**, o Pedro respondeu-me que não gostava de policiais, **pela mesma razão**, não prestava atenção a pistas tolas. **Então**, eu fiquei a pensar naquilo. Eu sempre lera muito: **por um lado**, adorava todos os mistérios, **por outro**, descobrira todos os culpados. **Porém**, agora estava confuso com aquilo tudo.